

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

ANA MARIA DA SILVA BUENO

**A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA BRASILEIRA NA ÚLTIMA DÉCADA:
UMA EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL.**

Franca - SP
2023

ANA MARIA DA SILVA BUENO

**A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA BRASILEIRA NA ÚLTIMA DÉCADA:
UMA EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Área de Concentração: Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Prof. LD. Dagoberto José Fonseca.

Coorientadora: Kelly Paula do Amaral Brito.

FRANCA - SP

2023

ANA MARIA DA SILVA BUENO

**A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA BRASILEIRA NA ÚLTIMA DÉCADA:
UMA EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL.**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Nome: Prof. Livre Docente Dagoberto José Fonseca

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Examinador 1: _____

Nome: Prof. Lívia Neves Masson

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Examinador 2: _____

Nome: Prof. Edvania Angela de Souza

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Franca, _____ de _____ de 2023.

B928s

Bueno, Ana Maria da Silva

A Solidão da Mulher Negra brasileira na última década : uma expressão da questão social / Ana Maria da Silva Bueno. -- Franca, 2023
60 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Serviço Social) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e
Sociais, Franca

Orientador: Dagoberto Jose Fonsec

Coorientadora: Kelly Paula do Amaral Brito

1. Mulheres Negras. 2. Gênero. 3. Raça. 4. Capitalismo. 5. Solidão. I. Título.

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso à minha mãe Andrea da Silva Pedro, que acordou todos os dias às 03 da manhã para deixar eu e meu irmão prontos para a escola e em seguida ir trabalhar. Uma Mulher Negra, mãe solo e filha mais velha de três irmãs, que viu na força e perseverança um modo de sobrevivência, assim como tantas mulheres que espero ter representado aqui. Mãe, prometo que daqui para frente, será diferente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter ouvido minhas diversas orações pedindo força, coragem e criatividade para terminar esse trabalho e concluir o curso.

Agradeço ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da região Oeste Franca, local onde estagiei e conheci o Serviço Social na prática, além de ter sido acolhida por profissionais que conseguiram minha admiração e inspiração ao realizarem o mais belo trabalho dentro das dificuldades encontradas.

Agradeço ao meu Orientador pelos ensinamentos transmitidos.

Agradeço à minha Coorientadora por acreditar muito na minha pesquisa assim como eu, por me incentivar, desafiar e alinhar meus pensamentos para que o objetivo fosse assertivo. Cresci muito nessa trajetória e a admirei ainda mais.

Agradeço ao NUPE (Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão) por me ajudar a me sentir pertencente em um espaço tão embranquecido, potencializar minha luta, e trazer momentos de alegria entre os nossos. Foi extremamente enriquecedor.

Agradeço aos meus amigos de faculdade pelo companheirismo e altas risadas que demos, as festas que fomos e nos divertimos tanto, os momentos na fila do Restaurante Universitário (R.U) que até poderia ser estressante mas vocês sempre conseguiram deixar tudo melhor. São tantas pessoas especiais que eu conheci nesse lugar que mal caberiam aqui, contudo, espero ter demonstrado carinho o suficiente para todos que me acompanharam. Em destaque, vocês quem são minha memória afetiva mais forte durante a faculdade: Ana Carolina, Tici Queiroz, Igor Wender, Gabi Garcia, Julia Paz, Willian Oliveira, Amanda Lisboa e em especial Paloma Piani e Maria Fernanda Sarto que me receberam tão gentilmente em seu apartamento todas as vezes em que precisei de um lugar para ficar, pela Unesp ser tão longe da minha casa, além de terem me apoiado e prestado atenção em mim em todos os momentos. Impossível eu ter concluído o curso sem cada um de vocês terem me estendido a mão. Que este agradecimento seja como um abraço meu, pois é o sentimento que sinto por vocês enquanto escrevo.

Agradeço a minha turma toda pela luta diária e o exaustivo estudo. A pandemia do Covid-19 foi um divisor de águas em nossas vidas, acreditar que depois disso tudo íamos conseguir um diploma parecia surreal, mas aqui estamos nós bem perto da conclusão. Ver a turma finalmente se conhecendo fora das câmeras, criando

laços reais, aprendendo a discutir temas em que tivemos faltas na formação foi um ensinamento enorme para mim. Em coletivo nós realmente fomos longe.

Agradeço aos professores que foram desafiados de diversas formas, tendo que se reinventar nas tecnologias para garantir a nossa formação.

Agradeço a minha família por se orgulhar tanto do meu passo profissional e em destaque a minha vó, Nanci Aparecida de Oliveira, que sempre vibrou todas as minhas conquistas comigo e me deu o melhor abraço do mundo quando fui aprovada no vestibular. Vovó, sei que não está mais aqui, mas te sinto em meu coração sempre que o Xande de Pilares canta aquela música que a senhora gostava tanto “Erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé, mande essa tristeza embora, pode acreditar que um novo dia vai raiar, sua hora vai chegar”. Minha hora chegou, Vovó. Vou me formar. Obrigada!

Agradeço aos meus livros de romance e suas autoras, que deixaram meu coração mais leve quando tudo estava muito pesado.

Agradeço aos meus amigos de vida, que me ouviram todas as vezes em que precisei apenas bater papo. Amo vocês de todo o coração.

Por fim, agradeço a mim. Ana Maria, você desde criança sonhava em ajudar as pessoas do jeito que desse, o Serviço Social é um caminho para isso, mas na verdade esse sentimento é algo maior que o seu coração. Confio em você e nos caminhos que quer trilhar, nunca foi fácil e daqui para frente pode ser que piore, mas faça isso por você e por quem você quer representar. Contudo, não se esqueça que a força também está em reconhecer seus limites. Te amo, Aninha.

Bueno, Ana Maria da Silva Bueno. **A Solidão da Mulher Negra Brasileira na Última Década: Uma expressão da questão social.** 60 f. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2023.

RESUMO

O conceito de "Solidão" se parece com algo tão particular do indivíduo, uma experiência subjetiva, envolta de valores psicológicos, atrelados a forma como o ser humano se sente em relação ao seu meio. Não deixa de ser isso, contudo, quando se foca no que se experimenta as Mulheres Negras no Brasil é notável que há um padrão de comportamentos e tratamentos, vinculados diretamente com a formação social do país e sua escolha em apagar certos papéis para que brilhem outros. Realidade ainda presente quando se pensa na última década. Em virtude desse pensamento, o objetivo principal deste trabalho é destacar o fato de as Mulheres Negras estarem tão presentes na composição do país, serem parte fundante de sua história, mas se sentirem sozinhas, abandonadas, perante o Estado, seus meios de convivência, espaços embranquecidos, além de um amor que quase nunca chega e um trabalho que quase não acaba. Sendo assim, a metodologia utilizada se deu pelo Materialismo Histórico-Dialético, uma proposta marxista, que implica o conhecimento sobre as influências históricas acima do seu objeto de Estudo, uma ação de extrema importância para se entender as particularidades do tema em questão e suas reflexões mais atuais. Através desse panorama é que este trabalho descreve detalhadamente os pontos que se unem e sufocam as Mulheres Negras, passando pelo período escravista, a formação do conceito de gênero, os desdobramentos do capital e terminando no modo em que como tudo isso determina o destino delas. Por fim, também se deu uma pesquisa bibliográfica, podendo ser desde artigos acadêmicos, revistas e até matérias jornalísticas mais rápidas que abordaram sobre o assunto, sendo selecionado para estudo os materiais que evidenciam a luta da Mulher Negra como algo além de questões pessoais, mas sim de um entrave que ultrapassa o coletivo. Dando um enfoque especial a escritoras Mulheres Negras e Brasileiras como Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzáles e Carolina Maria de Jesus. Afinal esse trabalho também é por elas.

Palavras-Chave: Mulheres Negras, Capital, Racismo, Gênero.

ABSTRACT

The concept of “Loneliness” seems like something so particular to the individual, a subjective experience, surrounded by psychological values, linked to the way human beings feel in relation to their environment. However, when we focus on what Black Women experience in Brazil, it is notable that there is a pattern of behaviors and treatments, directly linked to the country's social formation and their choice to erase certain roles so that others can shine. Reality is still present when thinking about the last decade. Due to this thought, the main objective of this work is to highlight the fact that Black Women are so present in the composition of the country, are a fundamental part of its history, but feel alone, abandoned, in the face of the State, their means of coexistence, spaces whitened, in addition to a love that almost never arrives and a work that almost never ends. Therefore, the methodology used was based on Historical-Dialectic Materialism, a Marxist proposal, which implies knowledge about the historical influences above its object of study, an extremely important action to understand the particularities of the topic in question and its reflections. most current. Through this panorama, this work describes in detail the points that unite and suffocate Black Women, going through the slavery period, the formation of the concept of gender, the developments of capital and ending with the way in which all of this determines their destiny. Finally, a bibliographical research was also carried out, ranging from academic articles, magazines and even shorter journalistic articles that addressed the subject, selecting for study materials that highlight the struggle of Black Women as something beyond personal issues, but yes, an obstacle that goes beyond the collective. Giving a special focus to Black and Brazilian Women writers such as Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzáles and Carolina Maria de Jesus. After all, this work is also for them.

Keywords: Black Women, Capital, Racism, Gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A Redenção de Cam.....	19
-----------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FBSP Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

Ipea Instituto de Economia Aplicada.

UNESP Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	12
2.PERÍODO ESCRAVISTA BRASILEIRO: SUA ESTRUTURA E SEUS HORRORES	15
3.A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO.....	23
4.FORMAÇÃO DO CAPITALISMO E SUAS EXPRESSÕES NAS QUESTÃO SOCIAL	33
4.1. Capitalismo e seu fetiche em ditar desigualdades - um olhar a realidade brasileira.....	38
5.MULHER NEGRA, SUA SOLIDÃO E SUA PRESENÇA COMO BASE NA PIRÂMIDE SOCIAL: SUSTENTAÇÃO PERDIDA EM MEIO A EXCLUSÃO.....	43
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAIS.....	55

1.INTRODUÇÃO

A escravização brasileira teve seu fim no papel, porém na prática ainda assassina aos Negros diariamente, sendo um indicador social da pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em parceria com o Instituto de Economia Aplicada (Ipea) que aponta uma porcentagem de homicídio entre a população negra em 75,7%, tendo um aumento de 11,5% a cada 10 anos. É uma escolha deixar o país no molde em que ele está, acostumado a resolver tragédias e não a evitá-las, assumindo uma configuração de Democracia Racial e fazendo disso sua bandeira, tornando essa mentira uma espécie de encantamento que quanto mais dita mais veracidade ganha, deixando que até mesmo as vítimas acreditem que seja real.

Abdias do Nascimento (1978) já se contrapunha a essa ideia, afirmando que essa fala é só um meio para que os responsáveis por esse crescente genocídio nunca sejam culpabilizados e punidos, para que essa dívida continue não paga. Afinal, como pregava Gilberto Freyre (1933), as relações entre senhores e escravizados eram “boas” e por isso, não teria razões para se falar de relações desiguais nessa sociedade.

Além do mais, o Capital brasileiro foi sendo construído ao mesmo passo que se tornava dependente, pois, mesmo que as riquezas fossem provenientes daqui, sua economia sempre esteve altamente ligada às nações de capitais maiores, facilitando uma construção de dominação entre os países, de forma econômica, cultural e política (MARQUES, 2018). Tais influências agiram diretamente na substituição da escravização pela industrialização em 1888.

Ou seja, o que Freyre (1933) chamava de Bondade se traduz em interesse e ambição. Importante ressaltar, que o sistema escravista foi a base para que o país tivesse Capital para iniciar a Revolução Industrial (NASCIMENTO, 1978). Essa nova modalidade trabalhista trouxe o trabalho assalariado e agora “digno” (ganha outro valor ao ser realizado por pessoas brancas), a ser desempenhado pelos imigrantes recém chegados ao país, deixando com que os Negros, que já não são mais tão interessantes, fossem marginalizados. Entretanto, isso passa a ser um problema, dado que, para a elite embranquecida aspirantes a europeus, não dá para o Brasil ser desenvolvido e composto por Negros ao mesmo tempo.

Devido a essa visão, surge a ideologia da Miscigenação que seria o suposto caminho para se atingir a pureza da raça. Desse modo, a Mulher Negra Brasileira que já havia sido traficada de sua terra, explorada sexualmente e exaustivamente, escravizada como trabalhadora do lar, feirante das ruas, ama-de-leite e ainda impedida de cuidar dos próprios filhos com mais atenção por ter que cuidar das crianças dos patrões, agora também era uma figura essencial para gerar os novos descendentes misturados com a raça branca.

Indubitavelmente, era um plano de morte. Mesmo que nascessem novos indivíduos, o que se desejava era o total extermínio de outros, e isso não é um objetivo esquecido. Por mais que os caminhos sejam supostamente diferentes, a miscigenação ainda é um produto vendido como resultado de um país “sem racismo” e as Mulheres Negras continuam sendo a base de uma sociedade que a olha de cima pois a coloca por baixo. Isto é, a sua Solidão dos últimos 10 anos, na verdade é só uma releitura da sua realidade passada e antepassada.

Outrossim, a Mulher Negra é vista como doadora e não receptora, lhe é tomado tudo e nada é devolvido. Uma peça de tabuleiro sempre posicionada seguindo as vontades ora do gênero ora capital ora raça ora todos juntos. Ao olhar ao redor e ver todas as suas outras semelhantes tendo praticamente a mesma vida, parece um destino já escrito. Assim como, ligar a televisão e se identificar com a faxineira da história da novela e não com a milionária, ou então com aquela que foi trocada por um homem que preferiu ter ao lado a protagonista branca.

Por conseguinte, os aspectos subjetivos que a falta de representação causa é que a beleza negra não é reconhecida, além de também esconder sua potencialidade em estar em outros lugares e de outras formas. Parece que a escravização teve um fim porque mudaram-se as correntes, elas passaram a estar no pensamento e se não quebradas, ali irão permanecer, conforme desejam os algozes.

Segundo Neusa Santos Souza (Mulher Negra, psiquiatra, psicanalista e escritora brasileira)

De forma alienada, busca por essa subjetividade branca, engessada, que não é sua subjetividade, e que a faz se distanciar do seu corpo, da sua história étnica, pessoal e da sua resistência. Por mais que a própria mulher afro-brasileira reproduza e viva tal condição, - condição, esta, de aniquilamento étnico e busca pelo branqueamento - o sofrimento está presente, pois seu corpo é de uma mulher negra, e não de uma mulher branca, e aderir às características brancas lhe fará repudiar sua pele negra e desejar ser outra pessoa, um alguém branco (SOUZA, 1983)

Interpretando esse dizer, pode-se afirmar que a Mulher Negra absorve essa violência e às vezes essa saída parece mais fácil do que entender e ser quem se é, pois quem sabe se ela acreditar muito estar encaixada nesse padrão, todos ao seu redor também acreditariam. Mas elas não acreditam. Porque ela não está. Sob essa perspectiva, é construído um cenário de consecutivas violações que crescem em estatística como se fossem apenas números e não vidas e a justiça devida, é cobrada, entretanto, não é atendida. Ademais, quem consegue sobreviver não é visto como frágil, mas como forte, afinal se não há fragilidade não é necessário proteção. Assim pensa quem deveria proteger. Leandro Roque de Oliveira (2016) um rapper negro brasileiro, conhecido como Emicida, compôs uma música em dedicação a sua mãe, musica esta que recebe esse vocativo como título. Nela, ele diz

Um sorriso no rosto, um aperto no peito/[...] **Banzo**, vi tanto por aí/ Pranto, de canto chorando, fazendo os outro rir/ Não esqueci da senhora limpando o chão desses boy [...]/ Tanta humilhação não é vingança, hoje é redenção/ Uma vida de mal me quer, não vi fé/ **Profundo ver o peso do mundo nas costa de uma mulher**/[...]/De onde cê tirava força?/[...] **O sonho é um tempo onde as mina não tenha que ser tão forte** / [...] Onde ou você vive Lady Gaga ou morre Pepê e Neném/ [...] **Luta diária, fio da navalha, marcas? Várias/ Senzalas, cesáreas, cicatrizes/ Estrias, varizes, crises/ Tipo Lulu, nem sempre é so easy/ Pra nós punk é quem amamenta, enquanto enfrenta guerra, os tanque/ As roupas suja, vida sem amaciante/ Bomba a todo instante/** [...] Desafia, vai dar mó treta/ **Quando disser que vi Deus/ Ele era uma mulher preta.** (EMICIDA, 2016, *grifos próprios*).

Com isso, Emicida viu em sua mãe a história de tantas outras, ele falou por todas elas, mas nunca poderia sentir o que elas sentem, ainda que a importância de sua fala seja, justamente, ser apoio, iluminar o verdadeiro trilho que o trem da história corre. Outro rapper negro brasileiro de nome José Tiago Pereira (2014) mais conhecido como Projota, também traz em sua canção

[...] Deixa o menino jogar, que é sexta-feira/ **Pra proteger é que existe a rezadeira**/ [...] E ela teve que te ver neguin', sangrando no chão/ **Ela tentou te socorrer, mas um pronto socorro não**/ Ela atravessou o isolamento, sem caô/ Eu vi quando ela empurrou um policial e ajoelhou/ Vi também ela chorando no seu sangue/ Gritando um tal senhor/ Cantando alto e claro aquele bonito louvor/ Encarando seu espírito ao lado do seu corpo, em pé/ Implorando pra que se arrependa se puder/ E eu vi o seu corpo tremendo com o seu coração parado/ Uma lágrima escorrendo com o seu olho fechado/ O povo todo olhando extasiado/ E cada uma das câmeras pifando pro segredo ser guardado/ **A rezadeira parou de cantar, e pra você sorriu/ Os anjos voltaram pro céu, e então o seu olho se abriu/ E eu chorei**

testemunhando com vocês/ Quando eu vi sua mãe te dando a luz pela segunda vez. (PROJOTA, 2014, grifos próprios)

Nesta música, Projota conta a história de uma mãe negra que vê seu filho quase partindo, provavelmente a deixando só. Na sequência, em uma súplica aos céus conseguiu trazê-lo de volta à vida, demonstrando essa força que tanto dizem que ela tem. Uma mãe salvando um filho ao mesmo tempo que é uma Mulher Negra fazendo sozinha o que teria que ser em coletivo como por exemplo, receber o apoio médico e/ou o respeito da mídia em um momento de dor. Em suma, não é coincidência que as histórias das Mulheres Negras sejam tão semelhantes por mais que nem se conheçam. Elas vivenciam abusos, abandonos, esforço triplicado, falta de oportunidades, postas a concorrer com a branquitude a todo momento, dificuldade em simplesmente seguir seu sonho por mais simples que seja, por parecer ser o mais difícil do mundo. Tudo isso resumido em: Solidão.

A autora e ativista Lélia González (2018), também Mulher Negra, acrescenta na discussão a dificuldade dos movimentos sociais entenderem e também lutarem pelas demandas apresentadas pelas mulheres negras. O feminismo em geral trata como se fosse um exagero, algo pessoal e não social, que ao lutar por “Mulheres” se luta por todas (não, não lutam). Já no Movimento Negro “os companheiros de movimento reproduzem as práticas sexistas do patriarcado dominante e tratam de excluir-nos dos espaços de decisão”. (GONZALES, 2018, p.315). Se suas batalhas diárias não são reconhecidas, não há vitória, se o lugar de derrota já foi determinado.

2. PERÍODO ESCRAVISTA BRASILEIRO: SUA ESTRUTURA E SEUS HORRORES

Brasil. Tão belo lugar, conhecido por seu Samba, Futebol, Novelas e Natureza. Aparentemente colorido e cheio de luz como o próprio sol. Contudo, sua Estrela parece programada para iluminar apenas determinados lugares e indivíduos, desde sua invasão, ao se pensar no fato de o território já estar povoado antes da chegada dos Portugueses (MORENO, 2023). .

Aliás, o país mencionado acima teve o início de sua colonização exploratória ao final da idade média, mais propriamente em 1500, quando os Portugueses chegaram ao território, que por sua vez, já havia sido descoberto pelos povos originários presentes, atualmente nomeados de Indígenas. Contudo, os

Branços Europeus em sua missão de “Paz e Civilização”, não podiam deixar a terra cheia de “selvagens” e logo trataram de estabelecer seus próprios parâmetros sociais. Inclusive, isso é demonstrado na carta escrita por Pero Vaz de Caminha assim que chegou nessas terras, com destino ao rei de Portugal, Dom Manuel, onde ele diz

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos [...] Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (CORTESÃO, Jaime, 1943, apud MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo, 2003, p.70).

Destacando também que, essa noção de o Colonizador ser a salvação e a luz de civilização para suas colônias foi uma concepção muito dissipada e fortificada ao decorrer dos tempos (FANON, 1961) criando um sentimento de idealização sobre o que é certo. Por outro lado, há um julgamento em cima da diversidade de culturas e tradições de outros povos, uma ideia ainda presente nos dias atuais.

Avançado os anos, vinham chegando pelo litoral brasileiro os Navios Negreiros, trazendo pessoas Negras já em situação de escravização, vindas de diversos países africanos, que segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023) eram os territórios conhecidos hoje como Angola, Moçambique Nigéria e entre outros. Afinal, a Cana-de-Açúcar, o Ouro e em seguida o Café não iam ser retirados sozinhos, e pelo pensamento colonizador, não seriam mãos brancas que fariam esse trabalho. Perante esse fato histórico, o poeta Castro Alves (1880) escreveu uma obra intitulada de O Navio Negreiro com trechos que expõem os bastidores dessa atrocidade

Ontem a Serra Leoa,/ A guerra, a caça ao leão,/ O sono dormido à toa/ Sob as tendas d'amplidão!/ Hoje... o porão negro, fundo,/ Infecto, apertado, imundo,/ Tendo a peste por jaguar... / E o sono sempre cortado/ Pelo arranco de um finado,/ E o baque de um corpo ao mar.../ Ontem plena liberdade,/ A vontade por poder.../ Hoje... cúm'lo de maldade,/ Nem são livres p'ra morrer.../ Prende-os a mesma corrente/ — Férrea, lúgubre serpente —/ Nas roscas da escravidão./ E assim zombando da morte,/ Dança a lúgubre coorte/ Ao som do açoute... Irrisão!... (ALVES, Castro, 1880, p.5)

Considerando que a população originária indígena, estava exposta ao chamado processo “civilizatório”, de catequização e também de trabalho escravizado, sendo o último fortificado com a vinda dos africanos retirados de suas terras, pode-se concluir que a realidade nacional na época já era de Genocídio, ou seja, o

apagamento de um povo, da sua cultura até a sua própria vida, como explica o autor e militante Abdias do Nascimento (1978).

Em aprofundamento, as terras brasileiras se encharcaram do sangue e suor de Negros e Indígenas, na construção de um país com forte desejo de acompanhar o que a Europa, até então considerada centro do mundo, ditava como regra ao desenvolvimento de uma nação, parecendo o cenário ideal, visto que Portugal se beneficiou com isso, tanto lá, quanto aqui.

Indubitavelmente, a escravização foi um modo de produção ao capital, assim como explicam Porfírio (2021) Blum (2021) e Silva (2021) em seu artigo sobre os lucros da escravidão

Nota-se que nesse período, o trabalho escravo foi determinante para tornar lucrativa as atividades desenvolvidas no Brasil. Desde a venda de escravos, passando pela produção pecuária para sustento e apoio às atividades de plantio de cana-de-açúcar, até o cultivo e exportação da cana em si, em grande parte, os lucros eram assegurados pela exploração da mão de obra escrava, tanto indígena como africana. Essa última, a partir desse período, passou a ganhar cada vez mais importância para a persistência dos lucros da colônia. (PORFÍRIO; BLUM; SILVA; p.8; 2021).

Isto significa que, havia a exploração do indivíduo não branco até seu último fôlego, além de objetificá-los, tirando do seu ser sua condição humana e tudo que ele podia tornar lucrativo. Além do mais, no Século XIX, temos um mundo buscando entender-se através da lógica, a ciência querendo definir o porquê de tudo, palco montado para as teorias eugenistas, defendidas por pensadores como Francis Galton (1988) inspirado pela teoria biologicista Darwinista, que em suma, apontava que existem raças inferiores e superiores de acordo com sua evolução e “justificavam” a escravização dos povos “não evoluídos” com tanta glória como evoluiu a raça branca.

Com isso, o racismo já estava ganhando forma em sua versão nua e crua e ditando pensamentos e comportamentos em sociedade, criando raízes fortes e difíceis de serem enfraquecidas, pois são alimentadas constantemente. No Brasil, a teoria chegou e se instaurou com a ideia da Miscigenação, que carregava o objetivo de embranquecimento do país rumo ao desenvolvimento, pois, seguindo essa linha de raciocínio, só atingir-se-ia o nível social esperado com uma população evoluída e pura geneticamente e seria o caminho mais fácil e “menos violento” para se atingir o fim desejado. Importante ressaltar, que não era uma opinião universal, pensando que a miscigenação poderia ser vista como um meio de manchar a raça pura, pois o ideal

era que para se manter a “qualidade” do gene, ele não se misturasse com nenhum outro inferior, já que isso na verdade seria um retrocesso (KEHL, 1923). Contudo, a primeira ideologia de “purificação” foi a que permaneceu.

Em consequência disso, entra em destaque o mito da Democracia Racial, com defensores fiéis como Gilberto Freyre (Brasil, 1993), que explica o Brasil um país que os Senhores e Escravizados tiveram uma relação harmônica, além de que as mulheres negras que tinham relações com os homens brancos favoreciam a miscigenação. Todavia, ele não mencionou que muitos desses envolvimento, se não a maioria, ocorriam de forma que as mulheres escravizadas eram violentadas e extremamente sexualizadas, deixando o papel de moça para se levar ao altar, a mulher branca, uma visão presente na contemporaneidade.

Abdias do Nascimento (1978) vai na mesma direção quando pontua

Daí que a proporção da mulher para o homem estava perto de uma para cinco, e as relativamente poucas mulheres que existiam estavam automaticamente impedidas de estabelecer qualquer estável estrutura de família. A norma consistia na exploração da africana pelo senhor escravocrata, e este fato ilustra um dos aspectos mais repugnantes do lascivo, indolente e ganancioso caráter da classe dirigente portuguesa. O costume de manter prostitutas negro-africanas como meio de renda, comum entre os escravocratas, revela que além de licenciosos, alguns se tornavam também proxenetas. O Brasil herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão. [...] a existência da mulata significa o “produto” do prévio estupro da mulher africana, a implicação está em que após a brutal violação, a mulata tornou-se só objeto de fornicação, enquanto a mulher negra continuou relegada à sua função original, ou seja, o trabalho compulsório. Exploração e lucro definem, ainda, outra vez seu papel social. (NASCIMENTO, A. 1978, p. 73)

Inclusive, há uma arte da época que pode ajudar na compreensão desse propósito em embranquecer e qual a posição dada aos gêneros (Figura 1).

FIGURA 1 - A REDENÇÃO DE CAM



FONTE: Enciclopédia Itaú Cultural (2020).

A obra “A Redenção de Cam” (Brocos, 1895) explora muito essa realidade ao apresentar uma família de mãe Negra, pai Branco, filho Branco e uma avó Negra com as mãos para o céu agradecendo pela benção, ou melhor, dando graças ao relacionamento inter-racial que pela miscigenação trouxe uma criança de “raça pura” ao mundo. Sob o mesmo ponto de vista, o título do quadro faz referência à Maldição de Cam, dita em um contexto bíblico, onde as futuras gerações de Cam foram amaldiçoadas, sendo outra teoria utilizada para “justificar” a escravidão, quer dizer, afirmavam que seus descendentes seriam os Africanos. Dessa maneira, é como se a família representada tivesse se livrado dessa maldição através da criança.

Decerto, o processo de imigração foi um acréscimo a essa estratégia de branqueamento, explicitando que

A solução encontrada pelos fazendeiros e políticos seria a imigração massiva de europeus, vistos como a força de trabalho dotada dos atributos

necessários para o progresso do país e para a realização das atividades de trabalho, nas unidades produtivas, dentro das exigências de um trabalho livre, por serem inteligentes, ordeiros e disciplinados, ao contrário do que era dito sobre as pessoas negras.[...]Nos locais desprovidos da oferta de força de trabalho imigrante ou providos num número reduzido frente aos principais locais onde essa mão de obra foi alocada, a força de trabalho negra não podia ser prescindida, junto com outros trabalhadores nacionais, como produtora de mercadoria e de mais-valia. Todavia, essa necessidade do capital não se reproduzia em melhores condições de trabalho e salário para as pessoas negras, nem mesmo na não existência de barreiras raciais nos locais de trabalho. (SOUZA, 2022).

Afinal, eram mão-de-obra barata, branca e em idade reprodutiva, a receita perfeita para o capital, que juntamente com o Estado e entre outras instituições, não fizeram o mínimo para o Negro viver dignamente em sociedade, acreditando que, já que o “problema de cor” é dele, ele que resolva. Ignorando desse modo, todas as influências externas que ainda assombram a população Negra estruturalmente. Fanon (1961) afirmava que muitos colonizados tentavam se enquadrar no modo de vida do colonizador, talvez em uma tentativa de aceitação. Mas, na real, é que se a subjetividade Negra já não era aceita, o coletivo social não Negro não permitiria uma aproximação igualitária, no máximo algo disfarçado de bondade, como a miscigenação. O Brasil buscava esquecer o passado e tornar-se “Europeu”.

Mesmo com a violência cometida, ainda temos os enfrentamentos. De maneira que, os povos escravizados também souberam usar sua força para além da exploração, algo que não é para ser romantizado e sim lembrado como resistência. Certamente, não houveram pessoas escravizadas pacíficas diante de tal modo de vida, o que houve foram formas diferentes de lidar com o mesmo horror. Como a obediência para evitar punição, organizar levantes e revoltas como as tantas ocorridas durante o Período Regencial brasileiro e até mesmo tirar a própria vida, deixando o recado de que quem é responsável por ela é o próprio escravizado, além de ser um meio de pôr fim a tudo isso.

Clóvis Moura (1988) traz dois exemplos de resistência. O primeiro diz respeito aos Quilombos, a união de um povo que precisava estar perto dos seus, se fortalecendo, surpreendendo também pela organização e de certa forma uma autossuficiência, abrigando negros fugitivos e entre outras situações como pessoas brancas empobrecidas, ou garimpeiros ilegais. Já o segundo, eram as guerrilhas, menores em participação e rápidas na ação, tinham objetivos mais práticos. Isto é, ambos demonstram um movimento de repulsa a um acúmulo de capital exploratório realizado pelas pessoas que sustentavam isso e não tinham nenhum retorno positivo.

Mas também, todo esse enfrentamento, juntamente com o movimento abolicionista tiveram uma forte contribuição na pressão ao governo para que a escravidão tivesse fim.

Completamente ilusório imaginar que um povo inteiro permaneceria em silêncio mediante tantas atrocidades. Na verdade, até os dias de hoje, os Negros - não somente eles, mas em grande parte - são silenciados, enfraquecidos e violentados com diversas estratégias em meio social, desmoralizados e marginalizados, tendo que engolir o lugar já definido a ele por quem estava sentado bebendo o suco dos frutos de uma colheita que não foi sua.

Nesse mesmo sentido, Moura (1988) continua defendendo que houveram o Escravismo Pleno e o Escravismo Tardio. O primeiro ele definiu como o período em que somente as pessoas escravizadas estavam lutando por sua libertação, já o segundo, os brancos passam a contribuir na defesa da Abolição, mas, com interesses voltados a eles mesmos, afinal, os países europeus já estavam atualizando seu sistema econômico para um mercado consumidor composto por trabalhadores assalariados, o que não era o caso dos Negros. A vontade em abolir a escravidão não esteve ligada a bondade.

Em outra escrita o autor acrescenta

Era como se estivéssemos em uma sociedade de economia livre. Não se computava a realidade de sermos uma sociedade escravista e, por isto mesmo, para conseguirmos ser uma sociedade industrial teríamos de abolir o trabalho escravo. Nisto a tarifa é omissa. O aceno à industrialização não levava em consideração o fato de termos uma grande massa de trabalhadores ainda considerada coisa e por isto incapaz de poder participar desse modelo de modernização e uma superestrutura jurídica e política que legalizava esse status quo, brecando qualquer possibilidade de mudança social nesse sentido. Havia duas sociedades no Brasil para os reformuladores nossa sociedade. O arcaico que não era elemento de cogitação de modificações e por isto deveria ser ignorado. É um projeto moderno que não considerava esse mundo e poderia modernizar o Brasil descartando o lado arcaico como parte do nosso ser social. O modelo de industrialização nos quadros do escravismo era mais uma proposta ideológica de se modernizar o Brasil sem se considerar nossa realidade estrutural. (MOURA, C. p. 69, 1994).

Além disso, Moura (1994) também enfatiza a influência que a Lei de Terras (BRASIL, 1850) teve no período pós-abolição mesmo tendo sido proclamada antes, pois, seu objetivo já era dificultar ou de fato negar o acesso à terra aos Negros, dado que, sua posse era mediante a compra, algo impossível a esses trabalhadores que já não recebiam bom tratamento como humanos, quem dirá algum valor monetário. Tal

historicidade é base para o Racismo Ambiental presente no Brasil. Essa denominação é nova mas caracteriza um problema antigo. Foi dita pela primeira vez por Benjamin Chaves entre os anos 50 e 60 na luta pelos direitos civis dos Estados Unidos (Fuentes, 2021), e é usada para comprovar que o Estado e a sociedade sabem quem marginalizam e não é coincidência que a maioria da população que ocupa os lugares de moradia precária tem cor e classe: Negros e Empobrecidos. Enquanto os brancos enriquecidos desde cedo podem escolher a terra em que querem habitar, até se isolando da pobreza social como é o caso dos Condomínios Fechados.

Do mesmo modo, Fuentes (2021) expressa as consequências do Racismo Ambiental ao dizer

A expressão denuncia que a distribuição dos impactos ambientais não se dá de forma igual entre a população, sendo a parcela marginalizada e historicamente invisibilizada a mais afetada pela poluição e degradação ambiental. [...] Atualmente, a falta de investimento em regiões sem saneamento básico, o despejo de resíduos nocivos à saúde em regiões de vulnerabilidade social, a grilagem e a exploração de terras pertencentes a povos locais são exemplos da manifestação do racismo ambiental. (FUENTES, 2021).

O autor também continua dizendo que sem políticas públicas efetivas esse cenário não se alterará. Carolina Maria de Jesus (1960) foi uma mulher negra moradora da favela do Canindé em São Paulo, e no lugar de quem viveu na pele o significado de tudo isso, denunciou em sua escrita “...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.”. O livro em que está presente este trecho tem o título Quarto de Despejo (1960) e recebe esse nome justamente por esse entendimento de mundo que a autora possuía em relação ao lugar em que habitava de forma precária, considerando desde a escassez de saneamento básico até a falta de privacidade em relação aos vizinhos que ela tanto mencionou, algo que pode ser considerado de pouca relevância mas que é uma necessidade mínima do ser humano.

Voltando ao recente Pós-Abolição, Abdias do Nascimento (1978) ressalta que a Lei Áurea (BRASIL, 1888) colocou um fim legal ao processo de escravização mas não deu condições de vida aos ex-escravizados, além de não cobrar essa responsabilidade nem dos senhores, nem do Estado, nem da Igreja. Indubitavelmente, 13 de Maio é uma data lembrada totalmente em um viés pautado na Democracia Racial, pois não há o que ser comemorado ainda. Visto que, como Renata Gonçalves

(2018) bem argumenta, após a Abolição - que se deu mais por motivos capitalistas do que humanitários - o negro foi culpabilizado por sua situação, olhado como o próprio problema social e não fruto dele, seguindo um viés completamente higienista em que as cidades brasileiras precisavam estar limpas, desde suas ruas até seus moradores. O período escravagista ainda libera gritos de dor abafados pelo som das máquinas e farfalhar de pessoas atrás de sua própria sobrevivência.

3. A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO

Atualmente, a questão de gênero traz debates importantes ao convívio social, por acordar uma curiosidade em entender o assunto da forma correta, e do mesmo modo, despertar uma identificação pessoal e/ou coletiva, por outro lado, sendo alvo de preconceito em diversos casos. Logo, é imprescindível a esse trabalho trazer uma compreensão desse quesito antes de aprofundá-lo mais.

Segundo afirma Isabela Moraes (2021) e Letícia Medeiros (2021), Gênero é uma construção social resultante de comportamentos determinados aos indivíduos desde o seu nascimento e por toda a vida, de acordo com seu sexo biológico, que seriam as genitálias. As autoras, ainda colorem que

Muitas vezes escutamos frases como “cuidar da casa é coisa de mulher”. O que está por trás de frases desse tipo é justamente a questão de gênero: se o que caracteriza “ser mulher” são simplesmente características biológicas e anatômicas, não haveria razão para alguém atribuir uma atividade especificamente às mulheres. Afinal, qual genitália uma pessoa tem, não faria diferença na hora de limpar a casa. Isso demonstra que há algum sentido a mais atribuído a “ser mulher”, algo que vá além do sexo biológico. Esse “algo além” é, justamente, o gênero. (MORAES, Isabela; MEDEIROS, Leticia. 2021).

Nitidamente, nenhum órgão ditaria comandos como se estivesse em uma Fábula, com algo do tipo “me use assim...já que você nasceu comigo, deverá se comportar dessa forma...é proibido que se comporte como pessoas de outra genital”. Na verdade, o ser humano sendo um animal racional, foi e é perfeitamente capaz de criar e se estabilizar em ditames sociais em benefício próprio, sejam individuais ou coletivos.

Em continuidade, há outros conceitos que as autoras mencionadas anteriormente elucidam. São eles Identidade de Gênero, Sexualidade e Orientação Sexual. O primeiro diz respeito a qual gênero o indivíduo se identifica, podendo ser

referente ao seu Sexo Biológico ou diferente. Laura Teles (2022) aprofunda como, Cisgênero (identificação com o próprio sexo), Transgênero (não se identifica com o próprio sexo), Não-Binarie (se identifica com ambos os sexos), Interssexual (tem características de um sexo, mas geneticamente tem os dados cromossômicos de outro.) e entre várias identificações. Lembrando que, mesmo com todas essas nomeações, ainda há modos de ser diferentes dentro delas.

Retornando às argumentações de Isabela Moraes (2021) e Letícia Medeiros (2021), o segundo e o terceiro estão ligados e significam a atração da pessoa, amorosa ou não (no caso dos aromânticos) por outro alguém. E são simbolizadas da seguinte forma: LGBTQQICAAPF2K+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Interssexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Panssexuais, Familiares, 2-Espíritos, Kink e o sinal de adição significa que continua).

Laura Teles (2022) também detalha essas relações, podendo ser Heterossexuais (sentem atração pelo sexo oposto), Homossexuais (sentem atração pelo mesmo sexo), Bissexuais (sentem atração por ambos os sexos e não há uma regra de “divisão de atração” tipo 50% para cada um, apenas o desejo de estar junto), Assexuais (Sentem pouca ou nenhuma atração sexual, não é um celibato), Pansexuais (se relacionam com qualquer gênero ou orientação sexual, se diferenciando dos Bissexuais ao não se importar com o gênero em si, seu desejo está atrelado a pessoa) e assim segue.

Nesse sentido, tal comunidade é alvo de descriminalização dado que, o senso comum aliado à falta de informação e ao moralismo, defende que não há isso de você querer ser algo, “você é o que você nasceu”. Entretanto, ninguém escolhe ser vítima de preconceito como homofobia, ou seja, não é uma decisão própria da pessoa, portanto, se ela quiser se libertar das amarras sociais isso só diz respeito a ela. Aliás, qualquer ação preconceituosa deve ser denunciada aos órgãos responsáveis que devem agir corretamente, pois, a falta de proteção devida é mais uma contribuição para a violência de gênero.

Dada a contextualização, esses apontamentos podem ser relativamente novos, mas suas implicações já vem de muito tempo, em consequência de um sistema instaurado fortemente até os dias atuais: o Patriarcado. Esse conceito é definido por Regiane Folter (2023) ao dizer que

O patriarcado é um sistema social baseado em uma cultura, estruturas e relações que favorecem os homens, em especial o homem branco, cisgênero e heterossexual. Na sociedade patriarcal, prevalecem as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e todos os demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo de raça, gênero e orientação sexual. Por essa perspectiva, se o mundo fosse avaliado como uma escada de privilégios, o homem branco cisgênero e heterossexual seria o que mais acumula benefícios e que estaria no topo dos degraus. Logo, todos aqueles que não possuem alguma(s) dessas características, em relação ao gênero, raça ou orientação sexual, estariam abaixo nessa escada. No patriarcado, o homem desfruta de uma posição de privilégio e poder social, econômico e político, enquanto a mulher e outros sujeitos que fogem da norma são relegados à submissão e invisibilização. Em outras palavras, o homem possui melhores oportunidades e benefícios na sociedade, enquanto as mulheres e grupos marginalizados, além de não receberem os mesmos direitos, também precisam cumprir com uma série de obrigações. (FOLTER, 2023).

Na mesma linha de raciocínio, esse modo social já aponta sinais desde o desenvolvimento da civilização, tendo em seu centro a figura do homem, o patriarca, que assim como descrito acima, tem o ideal de estar dentro dos padrões “normativos” de raça, gênero e sexualidade. Além de deter o poder em praticamente todas as áreas em sua vida e na das mulheres de sua família e/ou comunidade dependendo de sua posição no grupo. Responsável por tomar as principais decisões que as envolvem, como também prover proteção, alimentação e mantimentos para a sobrevivência. Já a mulher, teria o papel de reprodutora e cuidadora dos filhos e da casa.

Em contrapartida, Lylla D'Abreu (2012) ao interpretar os escritos de Maria Helena Fávero (2010) sobre a construção social do gênero, elucida que não há isso de um gênero ter mais sentimentos que outro, o que ocorre é que enquanto o feminino é incentivado a demonstrar o que sente, o masculino deve demonstrar força o tempo todo, e no caso, demonstrar estar sentindo algo, seria uma fraqueza. Nas suas palavras

A grande questão parece ser a de que as mulheres, devido à forma com que são socializadas, expressam as emoções com maior frequência que os homens, mas não necessariamente as experienciam mais. Mediante processos sociais evidentes (diante das expectativas de papéis sociais diferentes para cada um dos gêneros), o que se observa é que a expressão de emoções distintas é aceitável para um gênero, mas não para o outro (ex.: tristeza, medo e vergonha para mulheres e raiva e competitividade para homens). Dito de outra forma, meninos e meninas desenvolvem maneiras diferentes de expressão de suas emoções conforme o padrão de apoio social que recebem, mas não por razões biológicas. Esse modelo de socialização baseado no ideal feminino (de fragilidade e vulnerabilidade) e no ideal masculino (de potência e força) traz prejuízos sociais em práticas de gênero nem sempre evidentes ou intencionais, como no cuidado com a saúde, nas escolhas profissionais, no contexto de trabalho e nas atividades domésticas. (FÁVERO, Maria Helena; 2010 *apud* Lylla D'Abreu; 2012).

Portanto, todos os gêneros possuem sentimentos, afinal, apenas se fossem seres inanimados poderiam não sentir. Além do mais, interpretando essa citação, pode-se remeter que as profissões que envolvem uma certa ação de cuidado, atenção e calma, são destinadas ao feminino. Por outro lado, os ofícios que envolvem força, uma personalidade firme ou posições de poder, são destinados ao masculino. Hoje em dia, mesmo que consigam quebrar esse paradigma ainda se causa estranheza, por exemplo, não se vê um homem professor em creche, da mesma forma que, quando uma mulher chega a cargos de poder ou exerce profissões tidas como masculinas (Pedreiro, Mecânico, Engenheiro...), sua capacidade é questionada o tempo todo.

Isto é, o argumento de que as mulheres são o “sexo frágil” é uma falácia, tendo em vista que elas são colocadas nesse lugar e não realmente pertencem a ele. De volta ao patriarcalismo, a Jornalista Regiane Folter (2023) acrescenta que

A origem da palavra “patriarcado” está conectada com essa organização doméstica e social centrada na autoridade do homem através da figura do pai, do chefe de família. As mulheres, crianças, servos e escravos eram considerados os agregados, aqueles que circulam a órbita do patriarca e a quem devem obediência. Passando por outras sociedades, desde os Vikings até a antiga Babilônia, é possível perceber que o valor da mulher está historicamente associado à sua capacidade reprodutiva, enquanto o homem permaneceu em uma posição de poder e controle de diversos aspectos da vida social. (FOLTER, 2023).

Rute Mace (2022) explica em seu artigo à BBC News que uma motivação para tal organização pautada na figura masculina foi que, nos períodos de agricultura e caça, os homens acabaram se destacando nos serviços braçais e de luta, deixando com que as mulheres fossem colocadas nesse “lugar de fragilidade”. Com o passar do tempo, esse paradigma foi se instaurando como verdade absoluta, onde a mulher passou a não ter mais chances de demonstrar sua força, pelo contrário, já era criada para se dedicar aos homens de sua família enquanto eles a protegiam.

Tal regime comportamental foi fortalecido em diversos momentos na história, inclusive, a religiosidade teve uma participação de destaque. É notório que os grandes líderes religiosos de diversas frentes são uma figura masculina e tida como chefe religioso, familiar e social. Por outro lado, a mulher é descrita como, pura, do lar, submissa ao seu marido e abençoada com a missão de ser mãe, corroborando para que até o presente momento, a sexualidade da mulher seja julgada e controlada,

devendo ela se deitar apenas com seu marido e sempre que ele desejar. Enquanto o homem, tem sua vida sexual explorada ainda jovem, e sem tantas proibições. Importante salientar que, não é problema seguir uma determinada crença que lhe deixe confortável na sua existência, porém, saber que algumas colocações não são aplicáveis em meio social, ou seja, ter senso crítico em relação a qualquer ideal que se acredite, evita situações de discriminação em diversos sentidos.

Diante disso, o jeito de “ser mulher” e “ser homem” seguiu sendo reproduzido em várias culturas e territórios. De modo a ser favorável também ao Capitalismo, outro sistema que no decorrer dos tempos vai se beneficiando com a sociedade patriarcal. Rute Mace (2022) corrobora para o entendimento dessa “união de forças” ao apontar que

Os homens usavam sua riqueza para atrair mulheres jovens para os recursos que eles tinham a oferecer. [...] concorriam pagando o "preço da noiva" para a família dela. Com isso, os homens ricos podiam ter várias esposas, enquanto alguns pobres acabavam solteiros. Os homens então precisavam da riqueza para competir pelas noivas, enquanto as mulheres adquiriam os recursos necessários para a reprodução por meio do seu marido. Desta forma, se os pais quisessem maximizar o número de netos, fazia sentido para eles dar sua riqueza para seus filhos e não para as filhas. Isso fez com que a riqueza e as propriedades fossem transmitidas formalmente para a linhagem masculina. E também fez com que as mulheres, muitas vezes, acabassem vivendo longe de casa, com a família do marido, após o casamento. As mulheres começaram a perder o controle das suas ações. Se as terras, os animais e os filhos fossem propriedade dos homens, o divórcio era quase impossível para as mulheres. (RACE, 2022).

Ou seja, o casamento passa a ser constituído como instituição, pois, é aceito socialmente e se consolida com regras morais e consequentemente econômicas, não muito diferente do que encontramos na atualidade. Afinal, a história está aí demonstrando que o capital é aliado da moral e dos bons costumes, de modo que, não é o casamento que está sendo diretamente questionado, mas sim, o fato de sua institucionalização tê-lo tornado um negócio. Isto é, as famílias mais bem sucedidas agem conforme o que se espera delas socialmente, objetivando manter seu status e riqueza, mesmo que isso implique a reprodução de desigualdades.

Por consequência disso, as famílias começaram a preparar suas mulheres para esse grande momento da vida, onde elas seriam entregues a responsabilidade de outro homem, que por sinal, não tinha sua honra colocada à prova toda hora, a não ser que fosse um indivíduo empobrecido ou que não demonstrasse capacidade de manter sua família em todos os quesitos. Posta essa realidade, a rivalidade feminina

também foi ganhando destaque, dado que, não era tão fácil arranjar um bom marido ou até mesmo mantê-lo, considerando outras formas de relação como a poligamia (permitida somente aos homens, ainda existente em algumas culturas) ou até mesmo a infidelidade que é impensável as mulheres, tendo sido razão até para assassinato caso fosse descoberto o adultério.

Folter (2023) também auxilia nesse discurso de capital atrelado ao patriarcado, explicitando que

[...] a expansão do patriarcado da esfera pública à privada foi uma consequência da expansão do capitalismo, que requer uma maior participação de pessoas nos meios de produção. Embora o patriarcado exista desde muito antes que o capitalismo, na sociedade moderna ambos se mesclam para gerar uma relação simbiótica na qual um sistema se beneficia do outro. Para elas, o papel submisso da mulher frente ao homem rende frutos ao capitalismo, como, por exemplo, através dos ganhos gerados pela força não-remunerada das mulheres que se responsabilizam pelo cuidado do lar e a educação dos filhos. Da mesma forma, ao contar com um sistema econômico que diminui a mulher e que paga menos pelo trabalho feminino, o patriarcado ganha uma ferramenta mais para perpetuar a dominação do homem sobre a mulher. (FOLTER, 2023).

Ademais, o capital também utiliza algumas manobras para continuar propagando esses papéis sociais, de maneira que, desde a infância é definido “cor de menina (rosa)” e “cor de menino (azul)”. Assim como, Lylla D’Abreu (2012) acrescenta que essa regra também é aplicada nos brinquedos, sendo bonecas e utensílios domésticos para o público feminino (já introjetando a ideia de maternidade e cuidadora do lar) e carrinhos e jogos para o público masculino. Mais uma prova de que o gênero é construído socialmente e culturalmente, através de ações como essa que aparentemente não expressam nenhuma negativa, porém, impõe ao indivíduo um papel que ele pode não estar interessado a desempenhar.

No Brasil, a questão de gênero chegou a ser imposta judicialmente, como é o caso da Lei 3.071 de 1916 que legislava o seguinte

Capítulo II Dos Direitos e Deveres do Marido Art. 233. O marido é o chefe da sociedade conjugal. Compete-lhe: I. A representação legal da família. II. A administração dos bens comuns e dos particulares da mulher, que ao marido compete administrar em virtude do regime matrimonial adaptado, ou do pacto antenupcial (arts. 178, § 9º, nº I, c, 274, 289, nº I, e 311). III. direito de fixar e mudar o domicílio da família (arts. 36 e 233, nº IV). IV. O direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do teto conjugal (arts. 231, nº II, 242, nº VII, 243 a 245, nº II, e 247, nº III). V. Prover à manutenção da família, guardada a disposição do art. 277. [...] Capítulo III Dos Direitos e Deveres da Mulher Art. 240. A mulher assume, pelo casamento, com os apelidos do marido, a condição de sua companheira, consorte e auxiliar nos

encargos da família (art. 324). Art. 242. A mulher não pode, sem autorização do marido (art. 251): I. Praticar os atos que este não poderia sem o consentimento da mulher (art. 235). II. Alienar, ou gravar de ônus real, os imóveis de seu domínio particular, qualquer que seja o regime dos bens (arts. 263, nº II, III, VIII, 269, 275 e 310). III. Alienar os seus direitos reais sobre imóveis de outra. IV. Aceitar ou repudiar herança ou legado. V. Aceitar tutela, curatela ou outro munus público. VI. Litigar em juízo civil ou comercial, a não ser nos casos indicados nos arts. 248 e 251. VII. Exercer profissão (art. 233, nº IV). VIII. Contrair obrigações, que possam importar em alheação de bens do casal. IX. Aceitar mandato (art. 1.299). (BRASIL, 1916).

Posteriormente, a legislação dita acima foi revogada e substituída pela Lei 10.406 (BRASIL, 2002) que equipara o homem e a mulher nos afazeres sociais, tornando ambos responsáveis pelo sustento e cuidado da família. Entretanto, as normas comportamentais não caíram no esquecimento, já que o patriarcado com o auxílio do capital, vai se reinventando. Por certo, houveram outras legislações brasileiras que influenciaram no molde da feminilidade. A saber, a Lei promulgada em 15 de Outubro de 1827 permitiu a escolarização de meninas, contudo, de forma rasa visto que, a elas se era ensinado os afazeres domésticos, considerando que não seria necessário o aprendizado comum, tendo em vista que seus futuros maridos já estavam sendo habilitados para serem a parte racional da família e provedores do lar.

Hoje em dia, todos possuem direito à educação, entretanto o mercado de trabalho não absorve da mesma forma. O sociólogo Órson Camargo (2023) argumenta que quanto melhor seus estudos ou qualificações, maiores as oportunidades de emprego, independente do gênero. Ainda assim, as mulheres são descredibilizadas de diversas maneiras, como ele segue dizendo

Constata-se, também, uma significativa melhora entre as diferenças salariais quando comparadas ao sexo masculino. Contudo, ainda não foram superadas as recorrentes dificuldades encontradas pelas trabalhadoras no acesso a cargos de chefia e de equiparação salarial com homens que ocupam os mesmos cargos/ocupações. Ainda nos dias de hoje é recorrente a concentração de ocupações das mulheres no mercado de trabalho, sendo que 80% delas são professoras, cabeleireiras, manicures, funcionárias públicas ou trabalham em serviços de saúde. Mas o contingente das mulheres trabalhadoras mais importantes está concentrado no serviço doméstico remunerado; no geral, são mulheres negras, com baixo nível de escolaridade e com os menores rendimentos na sociedade brasileira. (CAMARGO, 2023).

Camargo (2023) também pontua que as mulheres ao chegar em sua residência encontram um novo turno de trabalho que não é remunerado e nem reconhecido. No caso, seria o fato de que mesmo elas trabalhando fora, a ideia de que é sua responsabilidade cuidar do lar e dos filhos não foi desconstruída totalmente,

resultando nessa dupla jornada. Essa situação de sobrecarga na mulher pode ser observada em qualquer conjunção familiar.

Colocando outra Lei brasileira em jogo, as mulheres conseguiram direito ao voto apenas em 1932 durante o Governo Vargas através do Decreto N°21.076. Em vista disso, eram proibidas pela própria sociedade de decidir quem elas gostariam que a governassem, uma injustiça alarmante dado que elas também compõem o conjunto social, portanto, devem ter poder de decisão. Com o passar dos anos, seguindo esse raciocínio, as mulheres também passam a ocupar os meios políticos para se elegerem, enfrentando batalhas árduas rotineiramente para estar nesse lugar que não é visto como delas, mas mesmo assim, seguem persistindo.

Aliás, o direito ao voto não veio gratuitamente e sim como resultado de lutas femininas, como o Movimento Sufragista no século XIX e o Movimento Feminista que já vem ganhando destaque a um tempo, o que demonstra que a luta das mulheres tem um longo caminho a percorrer, principalmente pelo patriarcado ter conseguido se enraizar a ponto de hoje ainda sofrerem com essas normas comportamentais. Nesse sentido, as cantoras Carolina de Oliveira Lourenço (MC Carol) e Karoline dos Santos Oliveira (Karol Conká), ambas mulheres negras, exibem em sua canção alguns exemplos práticos dessa realidade ao dizerem

Presenciei tudo isso, dentro da minha família/ Mulher com o olho roxo, espancada todo dia/ Eu tinha uns 5 anos mas já entendia/ Que mulher apanha, se não fizer comida/ Mulher oprimida, sem voz, obediente/ Quando eu crescer, eu vou ser diferente/ [...] Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo/ Minha fragilidade não diminui minha força/ [...] eu não vou lavar a louça/ Sou mulher independente não aceito opressão/ Abaixa sua voz, abaixa sua mão/ [...] Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona/ Que a revolta vem à tona pois a justiça não funciona/ Me ensinaram que éramos insuficiente/ Discordei, pra ser ouvida o grito tem que ser potente/ [...] Tentam nos confundir, distorcem tudo que eu sei/ Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis/ A falta de informação enfraquece a mente/ Tô numa crescente porque eu faço diferente/ [...] Represento as mulheres, 100% feminista. (LOURENÇO, C.; OLIVEIRA, K. 2016.).

O seguinte trecho musical traz para a discussão o Feminismo. Regiane Folter (2023) define esse movimento social como uma luta para se equiparar os direitos entre os gêneros, batendo de frente com o patriarcado e eliminando qualquer espécie de superioridade ou dominação mesmo que seja feminina (matriarcado). Inclusive, é ligado a outros movimentos como o de classe, antirracista, antiLGBTQIA+fobia, visto

que, não há como pensar na liberdade do gênero sem entender todo o contexto que o aprisiona.

No entanto, a realidade ainda impõe problemáticas a essa causa, através de concepções machistas (superioridade masculina) em que o homem habituado a seu poder não quer abrir mão dele e aparentemente se sente impotente se não puder ser o único provedor do lar, aquele em que todos vêm como chefe, a quem devem respeito, principalmente mulheres. O masculino fecha os olhos para o fato de que, o patriarcado lhe dá autoridade mas também o controla, a exemplo uma frase popular “homem não chora”. Claro que chora, porém, o medo de ser considerado fraco lhe impede de demonstrar o que sente. Fora que, se esse homem não estiver dentro dos padrões heteronormativos e raciais terá outros problemas.

Em virtude dessa noção de superioridade e de funções colocadas socialmente, torna-se presente a Violência de Gênero. A Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul (2023) organizou uma cartilha sobre esse assunto e lhe emprega o conceito de ser qualquer violação que atinja a integridade física, sexual, psicológica ou social do indivíduo por sua identidade de gênero e/ou orientação sexual, ou seja, podendo atingir crianças e adolescentes como também mulheres cis e transgênero ou qualquer pessoa que se identifique no feminino. Pode ser que os homens também sejam violentados, mas não é a parte gritante dos casos, devido ao fato de a maioria das vezes eles serem o agressor, baseado em toda a base patriarcalista construída e alimentada cotidianamente. Mas todos os casos devem ser denunciados e tratados de maneira devida.

Nesse mesmo documento, são trazidas mais algumas definições como os tipos de violência, que são elas: Violência Física (qualquer atitude que infrinja a integridade física da mulher; como socos, chutes, empurrões..); Feminicídio (a mulher é morta apenas por ser mulher e ser tida como objeto, comum em casos por exemplo em que o homem não aceita o fim do relacionamento) Violência Sexual (qualquer comportamento que constrange a mulher no sentido sexual, por exemplo obriga-la a ter relações sexuais, além de assédio e controle dos métodos contraceptivos); Violência Virtual (Utiliza dos recursos da internet como forma de chantagear, intimidar essa mulher, tipo publicar fotos íntimas sem seu consentimento); Violência Simbólica (são os paradigmas sociais impostos as mulheres e propagadas pelo senso comum, como “sabe cozinhar, então já pode casar!”).

Mas também, Violência no Trabalho (conforme exposto anteriormente, as mulheres são descredibilizadas em meio profissional, piorando em profissões com domínio masculino, sendo palco para outras situações vexatórias como o *manterrupting*, que é quando o homem interrompe diversas vezes a fala da mulher, se achando intelectualmente superior); Violência Institucional (acontece quando a mulher não é corretamente atendida pela instituição que procura, por exemplo ao realizar a denúncia de alguma outra violência e ser revitimizada, tendo que repetir a história em outros momentos e reviver a dor que passou, podendo também não conseguir se livrar de seu agressor, fato que diminui o número de denúncias pois, passam a duvidar da efetividade dos órgãos de proteção.).

Ainda há, Violência Obstétrica (situação que desumaniza a mulher durante sua gravidez e/ou trabalho de parto sendo qualquer tratamento incorreto que lhe cause sofrimento psíquico ou físico); Violência Política, melhor explicada nas palavras da cartilha que informam

É toda ação, conduta ou omissão com a finalidade de impedir, criar obstáculos ou restringir os direitos políticos da mulher. Manifesta-se através de assédio, constrangimento e ameaça, com a finalidade de impedir ou de dificultar a sua campanha eleitoral ou o desempenho de seu mandato eletivo. A violência política de gênero pode se manifestar através de: Interrupção frequente de fala em ambientes políticos; Desqualificação das suas habilidades fazendo com que ela não se sinta capaz para a função; Desproporcionalidade no repasse do fundo partidário; Desvio de recursos para as candidaturas masculinas; Ameaças à candidata, por palavras, gestos ou outros meios; Difamação da candidata. Uma vez eleitas, a violência aparece quando: Não recebem indicação para liderar partidos, ser reladoras de projetos importantes ou titulares em comissões; São constantemente interrompidas em seus lugares de fala; São excluídas de debates; São julgadas pela aparência física e forma de vestir; São questionadas sobre suas escolhas de vida privada, em seus relacionamentos, sexualidade e maternidade. (DEFENSORIA PÚBLICA - RS, 2023).

Na sequência o documento termina elucidando sobre Estupro Corretivo (Quando o homem tenta “corrigir” a orientação sexual da mulher, forçando-a a ter relações sexuais com ele) e Estupro Marital (ocorre quando a violência sexual é cometida por seu companheiro sem seu consentimento, a relação sexual precisa ter consentimento de todas as partes). Infelizmente, existem outras violências que podem ser citadas, contudo, a ideia principal a ser transmitida é que essa tipificação é importante para que essas violações sejam identificadas e combatidas, dado que, a informação também é um instrumento de luta.

Ademais, também temos as conquistas femininas. Daniela Oliveira (2022) aponta como principais a Lei Maria da Penha (Lei N°11.340/02) criada com o intuito de combater a violência de gênero e nomeada em homenagem a Maria da Penha que lutou pela condenação de seu ex-marido que atentou contra sua vida 2 vezes. A Lei do Feminicídio (Lei N°13.104/15) que reconhece criminalmente o assassinato de mulheres apenas por ser mulheres. E a Lei N°13.718 de 2018 que criminaliza o assédio sexual.

Em suma, a Questão de gênero é um campo de ampla discussão, devido ao fato de abranger diversas influências como do Sistema Capitalista, além do que a sociedade entende como moralmente correto e as suas construções. Tudo isso, somado às atualizações na forma de se compreender e definir suas particularidades. Dito isso, é de suma importância entender essa conjuntura, afinal, auxilia o indivíduo a conhecer a si mesmo e ao corpo social como um todo. Se essa realidade de subalternização foi construída e fortificada pelo ser social, é possível destruí-la através da socialização do conhecimento (não só desse assunto mas de diversos outros) que altera comportamentos, com a meta de alcançar uma nova organização social dessa vez equalitária, com espaço para todos.

4.FORMAÇÃO DO CAPITALISMO E SUAS EXPRESSÕES NAS QUESTÃO SOCIAL

Desde o início, a espécie humana possui uma palavra de lei: Sobrevivência. Todos os estudos realizados nos períodos históricos anteriores demonstram que o ser humano com o decorrer de sua evolução teve que aprender a como se alimentar, se proteger, se viveria em grupo ou isoladamente, onde descansar e entre outros tópicos. Com isso, se iniciou o movimento de transformar a natureza em benefício próprio, a saber, um processo que Karl Marx denomina de trabalho (MARX, K. 2013).

Isto é, Marx (2013) explica que, o indivíduo foi percebendo que após sua ação diretamente no meio em que está, ele consegue fazer algo ao seu favor de modo racional. Ele idealiza previamente o que deseja usando a razão e depois materializa, de forma a cumprir com sua necessidade e objetivando sua ideia, assim exercendo o trabalho. Aliás, essa ação é uma particularidade apenas dos seres humanos, pois, outros animais também fazem feitos maravilhosos, como as abelhas que constroem sua própria colmeia e produzem seu mel, contudo pode-se dizer que o fazem apenas por instinto.

Aliás, o autor segue em defesa de que, com o aprimoramento de tais atividades o indivíduo passou a se constituir como um ser social, considerando que realizando o trabalho, ele influencia a natureza e seu meio da mesma forma que é influenciado por ele, além de acompanhar as novas dinâmicas sociais e suas organizações. Nesse sentido, os indivíduos passaram a realizar trocas dos seus itens produzidos por outros que não sabiam produzir mas que precisavam.

Marx (2013) também pontua algumas questões nesse processo. Por exemplo, aquilo que é produzido recebe o nome de mercadoria e quando está finalizado receberá ou um valor de uso ou um valor de troca. Ou seja, o primeiro quer dizer que a mercadoria será utilizada por quem a construiu, já no segundo caso, ela já foi feita para ser trocada por alguma outra coisa. Posteriormente, encontraram algo que seria útil universalmente para todas as trocas, o dinheiro.

Pensando nessa constatação, temos que as trocas foram se padronizando nesse quesito, até a moeda receber um valor de capital, ou seja, ser vista como algo a ser valorizado e multiplicado, gerando lucros monetários. Catani (2012) ao seguir interpretando Marx, explica o movimento de que no desenvolvimento do Sistema Capitalista é imprescindível destacar a presença da mais-valia que se define na forma em que ele mais acumula capital, segundo Marx em O Capital (2013), através da ação do indivíduo em produzir uma mercadoria que possui valor de uso e valor de troca ao mesmo tempo: a força de trabalho.

Melhor dizendo, o trabalhador produz uma mercadoria qualquer de acordo com o que lhe é solicitado/ordenado, porém não recebe o valor justo da troca, pois, a maior parte fica para o burguês (dono dos meios de produção). Ou seja, ele produziu algo que poderia ser de uso próprio (valor de uso), entretanto ele é afastado desse processo, de seu resultado final e do lucro que ele retorna (valor de troca), sendo apenas um meio necessário ao capital, que recebe tanto o valor de uso tanto o valor de troca apenas por fazer com que o proletariado (os trabalhadores) vendam sua força de trabalho em busca de sobrevivência.

Além disso, Catani (2012) ainda observa que

Para sobreviver, aquele tem que expandir constantemente a sua fábrica, quer dizer, converter constantemente uma grande parte da mais-valia produzida em capital adicional, e comprar meios de produção e força de trabalho suplementares. Acrescenta Marx (1867) que “a utilização da mais-valia como capital, a sua reconversão em capital chama-se de acumulação de capital”. (CATANI, Afrânio. p.34. 2012)

Ao interpretar esses dizeres, temos que o capital se alimenta ao executar o Lucro pelo Lucro, um cenário de certa forma maniqueísta em que não se importa os meios para tal, contanto que o fim seja lucrativo. Por exemplo, durante a era colonial com diversos trabalhos escravizados como foi elaborado anteriormente, o lucro já não ficava na mão de quem os produziu e nem na própria colônia, esse capital já estava em acumulação nos países colonizadores.

Não é à toa que, esses mesmos países conseguiram se desenvolver primeiro e iniciar sua industrialização, como foi o caso da Inglaterra pioneira na Revolução Industrial considerando que tinha recursos para essa transformação, além de ter sido uma grande propulsora nos movimentos abolicionistas inclusive no Brasil, dado que, além da mão-de-obra também se é necessário Mercado Consumidor, pois, ele é a parte responsável em absorver essa mercadoria e devolvê-la em capital.

Catani (2012) também elucida a importância do papel do Estado na união com o Capital, afirmando que

[...] numa fase da história em que se atinge tão alta concentração de poder econômico como no caso do capitalismo de monopólio, a máquina do Estado torna-se um instrumento dos grupos monopolistas dominantes. O monopólio, visto implicar uma concentração de poder dentro do sistema capitalista, resulta num controle político muito mais forte e estreito sobre a sociedade e a política do governo. Dessa maneira, o Estado acaba por exprimir não exclusivamente os interesses do capitalismo e do conjunto da classe capitalista, mas os interesses dos grupos monopolistas dominantes do capitalismo, favorecendo os interesses dos últimos, mesmo que seja à custa de outros setores capitalistas. (CATANI, Afrânio. p.59. 2012).

Dessa forma, ele atende a quem reproduz o capital e não a quem o produz. Aliás, a historiadora Elisângela M. Oliveira (2004) elucida que a entrada das máquinas e o desespero em capitalizar fez com que o trabalho em seu desenvolvimento fosse irrestrito em direitos. No período de escravização dar condições dignas de trabalho aos escravizados não era algo nem pensado. Na Revolução Industrial, de início na produção têxtil, os trabalhadores enfrentavam altas cargas horárias de trabalho, moravam em conjuntos habitacionais de péssima estrutura e sem saneamento básico, de preferência perto das indústrias para economizar tempo, que como é notável, era controlado pelos moldes do capital. Tempo de qualidade para o próprio indivíduo não era algo concreto e ainda é uma falta para alguns grupos sociais na atualidade.

Também tinham graves problemas de saúde devido aos esforços feitos e muitas vezes a expectativa de vida não ia muito longe. Nem crianças escapavam desse martírio, já iniciando nas indústrias muito cedo para ajudar a sustentar a família e sendo vitimadas por diversos acidentes trabalhistas, fora a falta de cuidados devidos em casa, durante a infância por suas mães, que também estavam nas indústrias e não tinham tempo de cuidado nem de si mesma nem de seus bebês, o que aumentava muito o índice de mortalidade infantil.

Oliveira (2004) também interpreta que

O trabalhador perdeu o saber do produto todo ao ir trabalhar nas indústrias, já que não poderia concorrer com elas, tornaram-se, assim, subordinados às mesmas e expropriados do seu saber. [...] Com isso, até mesmo o sentido de liberdade no capitalismo está ligado ao trabalho alienado, onde os trabalhadores têm a liberdade de vender sua força de trabalho, mas ao mesmo tempo é expropriado do trabalho, da cultura e do lazer. [...] A máquina não exigirá mais a habilidade do trabalhador que terá seu trabalho expropriado e desqualificado. De acordo com Marx (1984), o processo de alienação do homem se dá através do estranhamento deste em relação ao produto de seu trabalho, da necessidade produtiva que antes era para suprir suas necessidades vitais e depois tornou-se coercitiva. (OLIVEIRA, 2004).

A autora ao explicar os preceitos marxistas aponta o que ele nomeia de Alienação, que assim como foi dito, é o processo de desvinculação do indivíduo com aquilo que ele produz, ele não está presente em toda a produção, apenas de uma parte, não possuindo ligação com algo que construiu. Estar Alienado também é não reconhecer o papel em que lhe é colocado, agindo como deseja a manobra dos burgueses em tratá-los como objetos, ou melhor, parte das máquinas, desconsiderando sua humanidade. E isso ocorreu em diversos modos de produção como o Fordismo (uma linha de montagem, com setores divididos em funções específicas e o trabalhador tinha que fazer a mesma ação repetidas vezes) , Taylorismo (seguiu o modo de produção anterior enquanto a especialização do trabalho, se diferenciando no seu principal objetivo que era aproveitar o máximo de tempo para produzir) e Toyotismo (vem com o princípio de produzir somente de acordo com a demanda, pois veio após um momento em que o mercado não estava conseguindo absorver tanta produção e os lucros estavam sendo prejudicados), ainda sendo identificado nos meios de trabalhos contemporâneos dado que, o capitalismo segue se reproduzindo.

Em um outro cenário, há os indivíduos que se entendem como classe trabalhadora e que enxergam a mudança a partir do momento que reivindicam por ela

e é exatamente isso que começam a fazer. Um dos enfrentamentos por exemplo, é o que o Marx (2013) define como Exército de Reserva, que basicamente são pessoas desempregadas esperando qualquer oportunidade de emprego, logo se algum empregado não aceitar as condições que lhe foram impostas tem um outro que aceitará fazer até por menos, um fator muito utilizado para amedrontar ou desencorajar a quem se mostrava disposto a arriscar contestar seu patrão.

Seguramente, o movimento dos trabalhadores despertou a preocupação da Burguesia a partir do momento em que afetou a produção e seus lucros. Passaram a ver que precisavam de alguma atitude que pudesse balancear os anseios dos trabalhadores junto com a ambição do Capital, contando também com o auxílio do Estado que muito se beneficia quando o Capitalismo tem saldos positivos. Sendo assim, se desenvolve na história o chamado Estado de Bem-Estar Social, ou melhor dizendo, Welfare State.

O cientista político Esping-Andersen (1991) explica justamente esse movimento ao dizer

Saber se o welfare state é em si uma fonte de poder é vital para a aplicabilidade da teoria. A resposta é que os assalariados estão inerentemente atomizados e estratificados no mercado - obrigados a competir, inseguros e dependentes de decisões e forças fora de seu controle. Isso limita sua capacidade de mobilização e solidariedade coletiva. Os direitos sociais, seguro-desemprego, igualdade e erradicação da pobreza que um welfare state universalista busca são pré-requisitos necessários para a força e unidade exigidas para a mobilização coletiva de poder. [...] Nas sociedades pré-capitalistas, poucos trabalhadores eram propriamente mercadoria no sentido de que sua sobrevivência dependia da venda de sua força de trabalho. Quando os mercados se tornaram universais e hegemônicos é que o bem-estar dos indivíduos passou a depender inteiramente de relações monetárias. A desmercadorização ocorre quando a prestação de um serviço é vista como uma questão de direito ou quando uma pessoa pode manter-se sem depender do mercado. A mera presença da previdência ou da assistência social não gera necessariamente uma desmercadorização significativa se não emanciparem substancialmente os indivíduos da dependência do mercado. A assistência aos pobres pode oferecer uma rede de segurança de última instância. Mas quando os benefícios são poucos e associados a estigma social, o sistema de ajuda força todos, a não ser os mais desesperados, a participarem do mercado. [...] (ESPING - ANDERSEN. 1991).

Com isso, entende-se que a ação do Estado e do Capital foi em um sentido neutralizador de conflitos, se mostrando de alguma forma como um poder que atende ao proletariado, para que ele se contenha e continue seu trabalho. Claro que o papel das lutas trabalhistas não pode ser desmerecido, afinal, sem seus constantes

enfrentamentos certamente não teriam alcançado grande parte dos direitos conquistados. Mesmo que não tenha sido nos moldes ideais, é necessário um ponto de partida para se chegar ao objetivo final.

E o cientista continua

Segundo Heimann (1929), as reformas conservadoras podem não ter sido motivadas por nada além do desejo de reprimir a mobilização dos trabalhadores. Mas, depois de introduzidas, tornaram-se contraditórias: o equilíbrio do poder de classe altera-se fundamentalmente quando os trabalhadores desfrutam de direitos sociais, pois o salário social reduz a dependência do trabalhador em relação ao mercado e aos empregadores e assim se transforma numa fonte potencial de poder. Para Heimann, a política social introduz um elemento de natureza diversa na economia política capitalista. É um cavalo de Tróia que pode transpor a fronteira entre capitalismo e socialismo. Essa posição intelectual está passando por um verdadeiro renascimento no marxismo atual (Offe, 1985; Bowles e Gintis, 1986). (ESPING - ANDERSEN. 1991).

O Sistema Capitalista ao passo que aumenta a riqueza aumenta a miséria, para se fortalecer ele tem que excluir alguns grupos sociais e não parece tratar isso como algo a ser evitado ou transformado, ao contrário, é sempre reatualizado. A seguir, essas questões serão aprofundadas no contexto brasileiro, entendendo que o Estado de Bem-Estar Social chegou ao país através do Neoliberalismo.

4.1. Capitalismo e seu fetiche em ditar desigualdades - um olhar a realidade brasileira.

Afrânio Catani (2012) reflete sobre a ideia de que o capitalismo está sempre ganhando de alguma forma, enquanto os trabalhadores estão perdendo seus direitos, sua força de trabalho, seus conhecimentos sobre a mercadoria produzida além da qualidade de vida. Em suas palavras, ele diz que

O período contemporâneo assiste, assim, aos desdobramentos da “contradição em movimento” que é o capital: ainda que novas tecnologias e sistemas informacionais possam resolver diversos problemas da produção e sustentar meios eficientes de comunicação social, os trabalhadores ainda convivem cotidianamente com atividades precárias, maçoantes e mal remuneradas. Além do fato de serem essas mesmas tecnologias usadas para alimentar sistemas despóticos e de controle e vigilância social. (CATANI, p.69. 2012).

Em conjunto a isso, o autor também elucida que a realidade vivida no Brasil é de um Estado Neoliberal, que age mantendo o mesmo propósito de fortalecer quem o

mantém de pé, também servindo de alicerce ao sistema capitalista. Sendo assim, ele proporciona mínimos sociais para a população enquanto se ausenta para dedicar sua atenção ao que lhe dará lucro. Além de que, o capital vende a ideia de ser possível conquistar tudo que se almeja apenas pelo esforço, porém nem ele e nem seus aliados dão os insumos para a isso, ao contrário, estimulam a competição em tudo que se pode pensar, deixando nas mãos do povo resolver suas próprias aflições.

Catani (2012) continua a explicação

Ao fim dos anos 1980, embora a Constituição de 1988 tenha garantido um importante conjunto de direitos aos trabalhadores e reservado o monopólio estatal em setores-chave da economia, o que se seguiu, a partir da década de 1990, foi um processo gradual de implementação das políticas neoliberais no país. [...] Como indicado anteriormente, as políticas neoliberais baseiam-se em, três ordens principais: a abertura comercial e financeira, as privatizações e as novas regulamentações jurídicas e econômicas, a partir de planos de estabilização baseados em juros altos. (CATANI.p.122.2012).

Vale dizer que, entender o processo de formação e atuação do Neoliberalismo é importante para se conhecer o resultado do que foi estruturado na história do país e como foi se reverberando. O período de escravidão foi explicado logo no início deste escrito para que não haja dúvidas de que o Brasil se construiu em terras que já tinham dono, traficaram pessoas, escravizaram e retiraram delas e de seu trabalho o máximo de lucro possível. Mas também, se esqueceu de desaprender a ser colônia e ainda tem o capital dependente de outros países desenvolvidos dentro de um mundo globalizado (MARQUES, 2018).

Em outras palavras, a desigualdade é inerente ao sistema do capital, dado que a riqueza cresce na mesma proporção que a miséria. Isto é, as características do trabalho já denunciam que a principal função do trabalhador é enriquecer o seu chefe e viver em um ritmo produtivo tanto dentro quanto fora do trabalho, realmente funcionando como uma engrenagem.

Ainda nas ideias do sociólogo temos que

Outro aspecto fundamental é a imensa precariedade que ainda existe para grande parte da força de trabalho brasileira, que ou está pressionada pelas consequências da flexibilização (terceirização, subcontratação, contratos temporários, etc.) ou sofre as consequências do trabalho informal ou do subemprego. Precariedade do trabalho que se apresenta, assim, como o reverso da “modernização” do capitalismo brasileiro. (CATANI.p.133.2012).

Outra questão é que, no período escravagista, o trabalho era visto como algo humilhante. Contudo, após o desenvolvimento do capital e sua chegada no Brasil o trabalho passou a ser o fator fundante da dignidade humana (Pereira, 2015). O Negro era visto como um mal trabalhador, só sendo útil a trabalhos braçais ou para aqueles que ninguém queria fazer, perdendo um lugar que já nem tinha para os imigrantes recém chegados que possuíam uma “boa aparência” (branca) e vontade de trabalhar. Na verdade precisavam do emprego, assim como os Negros também precisavam, mas foram literalmente descartados (SOUZA, 2022).

Certamente, essa realidade não é passado, é um infeliz presente, tendo em vista que, o Negro foi inserido no mercado de trabalho gradualmente e meramente por fins econômicos, entretanto, ainda lhe é dado o papel de subalternização. Afinal, não se encontra o negro em lugares de poder, e quando conseguem os cargos altos o capitalismo logo utiliza seu discurso meritocrático de que não há barreiras para se chegar lá, é só fazer por merecer. Quando simplesmente a barreira são 350 anos de escravização que ainda pesam em qualquer corrida. Não há como falar de igualdade sem considerar a história por completo.

O professor Mario Luiz de Souza (2022) explicita que quando o capital foca o problema do desenvolvimento do país e sua economia em fatores raciais e ou em esforços individuais, ele tira essa responsabilidade dele mesmo e de seus componentes como o Estado e a Burguesia. Através dessa manobra, fica a cargo do próprio corpo social se adequar ao meio para obter “sucesso”, as formas de injustiças são mascaradas. É por isso que o Racismo ainda se mantém, principalmente pelo mito da Democracia Racial.

Nas palavras de Souza (2022)

O racismo presente nessa conjuntura também favorecia o capitalismo brasileiro, ao deslocar para a questão racial a explicação para a precária situação socioeconômica da maioria da população negra, excluindo as contradições do capitalismo nesse processo. Mesmo com os brancos pobres (imigrantes ou nacionais) beneficiando-se das teses racialistas, acabavam sendo atingidos pelo predomínio dessa visão de mundo. A centralidade da raça, alinhada ao liberalismo excludente da época, acabava ensejando que a superação da pobreza seria alcançada com o esforço individual, não sendo necessário o Estado estabelecer políticas públicas voltadas para a solução do problema social, nem para as pessoas brancas pobres. Com isso, a questão racial engendrava as condições político-ideológicas ideais para a burguesia brasileira ampliar e manter a sua privatização do Estado, com a maioria das políticas públicas e do fundo público sendo direcionado para os seus interesses. (SOUZA, M. L. de. 2022)

Há quem diga que não há Racismo no Brasil, que tudo isso seria uma espécie de vitimização, pois, as pessoas brancas também são empobrecidas e enfrentam diversos entraves sociais. Certo, ninguém está falando o contrário, o que está sendo dito é que, ser branco não lhe dará riquezas e poderes de imediato, mas, a cor da sua pele não será um entrave para que se conquiste isso, o que não deixa de ser um privilégio mesmo que não se alcance a plena riqueza. Porque, pelo menos, ao olhar para profissões bem remuneradas ou reconhecidas o branco tem quem o represente, o que lhe mostra que o caminho para chegar lá não parece tão tortuoso assim. Já o negro não pode dizer o mesmo.

Mario Luiz (2022) também opina sobre isso ao dizer

Por exemplo, mesmo uma pessoa branca que more numa favela, tendo as mesmas condições socioeconômicas das pessoas negras, terá mais privilégios do que essas, como no caso da ação da polícia nesses territórios marcados pela vulnerabilidade social. Porém, trabalhar com o privilégio branco como o vetor para o predomínio do racismo, sem uma visão histórico-crítica, pode cair em dois erros teóricos: reduzir o grupo racial branco a um grupo homogêneo, sem conflitos de classe e com todos se aproveitando do racismo na mesma forma e intensidade; e excluir do campo de análise a funcionalidade do racismo para o capitalismo, excluindo os interesses de classe desse processo. (SOUZA, M. L. de. 2022)

Portanto, o Racismo mascarado do “jeitinho brasileiro” além de ser fortificado pelo capital, perpassa sentimentos. Essa relação do Branco e o Não Branco interfere em quem o indivíduo é e em como ele quer ser. Melhor dizendo, o olhar de qualquer “outro” já muda qualquer “eu” psicologicamente falando, porém quando envolve a raça, se vê um processo de apagamento, de controle, de tirar da história uma potência Negra para aparecer apenas a potência Branca. (FANON, 2020).

Em consequência, mais um privilégio a raça branca é que esse racismo não reconhecido tira dele o papel de agressor, o deixa em uma posição confortável ao ponto de que, se ele cometeu algum ato racista foi porque ele “não sabia que iria ofender”, “tem até amigos que são negros”, se fosse racista ele não seria assim. O que ocorre é que o racismo se manifesta de diversas formas e quem passa por isso sente as dores desse ataque mesmo que inconscientemente e não recebe vantagem nenhuma apesar de ser a verdadeira vítima. Em um universo fantasioso de mocinho versus vilão, o bem sempre acha uma fraqueza no mal e consegue um final feliz. Mas, nessa realidade, se o racismo não for minimamente

reconhecido como um problema a ser enfrentado, o final feliz será sempre do outro lado da história.

O cantor Cesar Resende Lemos (Cesar MC, 2021) canta no verso de sua música algumas questões sobre o que de fato o Brasil trata como justiça, já fazendo uma reivindicação no título “Daí a César o que é de César”

Eles nunca choram as nossas dores/ Mas sempre censuram a nossa revolta/
Quem faz da maldade um boomerang/ Não pode reclamar no momento que volta/
Fogo no museu, fogo no Pantanal/ Fogo na Amazônia e cadê os moralista?/
Cês só reclamam do nível do fogo/ Quando o povo grita: Fogo nos racistas/
Eles criticam fogo nos racista/ Só pra mudar o foco do problema/
Quem problematiza é quem menos se importa/ No quanto o racismo diário nos queima/
Terra que exalta a meritocracia/ Finge que não sabe o passado que tem/
Diz que é só trabalhar pra ser alguém na vida/ Mas nós só começa do modo ninguém[...] Sem equidade não há justiça/ Vitimismo é o que vão dizer/
Pimenta no olho do pobre não arde/ A menos que um dia ela pingue você. (LEMOS. C, 2021).

Com isso, Cesar estando na posição de um homem negro, resumiu em sua arte problemáticas como o racismo estrutural, a meritocracia, a falsa justiça que o capital prega e também um destaque importante: a revolta. Não foi apenas no período colonial em que o negro tentou por si mesmo conquistar igualdade perante a sociedade, tendo em vista que se o lugar de exclusão ainda lhe é reservado e os poderes maiores mal fazem algo para tirá-lo de lá, significa que ele mesmo terá que sair. É por isso que o Capital rega a desigualdade e a Barbárie, pois, a única regra é sobreviver. Contudo, se ele não dá meios de sobrevivência para todos, aqueles que não têm irão procurar outra forma e em algumas situações não será de bom grado. A violência pode ser entendida como justiça, para quem já não tem nada a perder.

Esse abandono do Estado atinge toda a classe empobrecida independente da raça, contudo são os negros maiores em número no sistema carcerário, em hospitais psiquiátricos, em números de assassinatos com bala perdida e entre outras atrocidades (Souza, 2022). Isto é, mesmo que a estrutura social beneficie a um grupo e exclua outro, ainda há outras particularidades, e a raça com certeza é um fator excludente.

Gustavo Pereira Marques (Djonga, 2019), um homem negro, cantor muito conhecido inclusive pela frase “Fogo nos Racistas”, também utiliza a arte como denúncia e transmissão de sabedoria ao dizer por exemplo sobre o olhar social dado ao negro

O dedo/ Desde pequeno geral te aponta o dedo/ No olhar da madame eu consigo sentir o medo/ Cê cresce achando que cê é pior que eles/ Irmão quem te roubou te chama de ladrão desde cedo/ Ladrão/ Então peguemos de volta o que nos foi tirado/ Mano ou você faz isso ou seria em vão/ O que os nossos ancestrais teriam sangrado/ De onde eu vim quase todos depende de mim/ Todos temendo meu não, todos esperam meu sim/ Do alto do morro rezam pela minha vida/ Do alto do prédio pelo meu fim/ Ladrão/ No olhar de uma mãe eu consigo entender/ O que pega com o irmão/ Tia, eu vou resolver o seu problema/ Eu faço isso da forma mais honesta/ E ainda assim vão me chamar de ladrão/ Ladrão. (MARQUES, G. 2019).

Sem dúvidas, mesmo que de uma forma mal camuflada, a Raça ainda dita diversos parâmetros sociais, se esforçando em deixar nas sombras e morros quem não pode frequentar os “belos centros”. A luta antirracista é necessária e urgente! Contudo, também clama por atenção e estratégia, visto que, o Capital tem o poder de transformar tudo o que deseja em mercadoria e ele já vem fazendo isso há um bom tempo. Itens que tem uma importância histórica aos Negros, é apenas um produto ao capital, como é o caso do “lugar de fala” que já foi tão saturado que perde seu real sentido.

Enfim, o objetivo dessas reflexões acerca do processo de escravização, da questão de gênero, do capital e do resultado de suas armadilhas sociais é que tudo isso faz uma vítima comum: a mulher negra. Cada mínimo detalhe em sua existência parece um desafio, deixando com que ela esteja sempre pronta para guerra, afinal, ninguém lhe ensinou a ser diferente, pelo contrário, se ela não fizer por si e pelos seus ninguém fará.

5. MULHER NEGRA, SUA SOLIDÃO E SUA PRESENÇA COMO BASE NA PIRÂMIDE SOCIAL: SUSTENTAÇÃO PERDIDA EM MEIO A EXCLUSÃO

Maria, Maria é um dom, uma certa magia/ **Uma força que nos alerta/ Uma mulher que merece viver e amar/ Como outra qualquer do planeta/** Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor/ É a dose mais forte e lenta/ **De uma gente que ri quando deve chorar/ E não vive, apenas aguenta/ Mas é preciso ter força, é preciso ter raça/** É preciso ter gana sempre/ **Quem traz no corpo a marca/Maria, Maria mistura a dor e a alegria/** Mas é preciso ter manhã, é preciso ter graça/ **É preciso ter sonho sempre/ Quem traz na pele essa marca/ Possui a estranha mania de ter fé na vida.** (NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. 1978. *Grifos próprios*).

Milton Nascimento, um homem negro, cantor, compositor e multi-instrumentista brasileiro, conhecido internacionalmente por sua genialidade musical, compôs essa música juntamente com seu amigo poeta Fernando Brant demonstrando

o quão é simbólica a cultura e arte nacional. Conta a história da mulher brasileira, em particular da Mulher Negra, que pode se identificar através da sua história, quando a música descreve que há vida além do sofrimento, pois há esperança no sonhar.

Segundo Kamille Viola (2022), o artista disse que a inspiração para a composição da música foi uma Mulher Negra que Fernando conheceu. Ela enfrentava diversas dificuldades, vivia na beira das ferrovias de trem, mas fazia de tudo para que seus filhos continuassem nos estudos e assim encontrassem uma boa vida. É em homenagem a essa luta solitária que Milton e seu parceiro escreveram uma música que diz respeito a um coletivo.

Maria é um nome muito comum entre mulheres brasileiras, o que também pode partir da interpretação de ser um título intencional da canção, justamente para que aconteça essa identificação com a história cantada. Uma autora que também utilizou esse artifício foi Conceição Evaristo (2016), que tem um conto de mesmo nome em seu livro "Olhos D'água". Nesta história, Maria é uma mulher, negra, mãe e empregada doméstica, que voltava cansada para casa levando diversas doações da patroa (que na verdade, eram coisas que seriam descartadas caso Maria não quisesse) e alguns alimentos. Ao entrar no ônibus, encontrou com o pai de seu primeiro filho que não via a tempos, conversaram de uma forma estranha mas ela se agradou de forma saudosista, contudo, esse homem também foi responsável por um assalto ao transporte público em que estavam e os passageiros indignados por ela aparentar conhecer o tal bandido, a lincharam sem lhe dar chance de defesa.

Evaristo (2016) constrói uma narrativa em que diversas mulheres, principalmente empregadas domésticas, conseguem se ver no lugar da personagem por ser uma vivência delas. Maria carrega uma representatividade tal qual Severino em "Morte e Vida, Severina" (1995) de João Cabral de Melo Neto, dado que, esse nome diz respeito a uma vida severa, que, aliás, era o contexto do personagem. Um dos trechos da obra é

O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar **Severino de Maria como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias** [...] Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva só a morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, e o pouco que não foi morte foi de vida severina. (NETO, J.C.M. 1995. *Grifos próprios*)

Portanto, entende-se que o nome é capaz de contar uma história por si só. Retornando à análise dos escritos de Conceição Evaristo (2016), sabe-se que ela é uma Mulher Negra, escritora mineira e que teve a genialidade de escrever um livro com diversos contos, que denunciam o descaso com a população preta através de histórias comuns do dia a dia. Maria, por exemplo, representa as tantas Mulheres Negras que trabalham com serviços domésticos, muitas vezes sem carteira assinada mas com a promessa de um salário, sendo vistas como “da família” até o momento em que solicitam seus direitos, como o descanso necessário ou um simples contato maior com sua própria família.

De acordo com o IBGE (2023) o cargo de empregada doméstica é ocupado por 92% das mulheres brasileiras enquanto 65% são negras. Com certeza, uma herança do passado escravocrata do país, em que as Mulheres Negras escravizadas eram postas nos afazeres domésticos da casa grande e ainda utilizadas como amas de leite das crianças brancas que teriam um futuro promissor enquanto os próprios filhos dessas mulheres (podendo ser frutos de abusos de seus patrões) já tinham um destino de escravização.

Pensando nesse ponto, essa característica de trabalho ainda é comum no serviço doméstico, ao se observar que essa trabalhadora fica a cargo da vida de seus patrões e seus filhos, no tempo em que sua própria família está vivendo momentos sem ela. Ademais, as Mulheres Negras sempre trabalharam, em diversos setores e formas antes mesmo da Revolução Industrial chegar até o Brasil. Souza (2022) contribui com essa discussão ao dizer

[...] destaca-se o papel da mulher negra. Desde o fim da abolição, o trabalho doméstico tornou-se a principal forma de inserção da mulher negra no mercado de trabalho, tendo mais facilidade de achar emprego do que muitos homens negros. Inclusive, entre os estereótipos construídos e difundidos sobre as pessoas negras, havia a concepção de que os homens negros eram refratários a trabalhar porque viviam dos recursos financeiros do trabalho de suas esposas negras. Mas esse maior acesso das mulheres negras a cargos de trabalho doméstico não significava ter acesso a um bom emprego. Vigorava nessa relação de trabalho a imposição da exploração no local de trabalho e os baixos salários. Somado a isso, em muitas casas essas mulheres sofriam com o assédio sexual dos patrões e de seus filhos. (SOUZA, M.L. 2022).

A escritora norte-americana Bell Hooks (2019), também uma Mulher Negra, explica uma realidade do seu país facilmente identificada em solo brasileiro que é o fato de a mulher branca ter entrado no mercado de trabalho um bom tempo depois,

entretanto, mesmo assim recebeu e ainda recebe benefícios mais rapidamente. Ambas são vitimadas pelas violências descritas acima no Capítulo 2 deste trabalho, mas a raça somada a esse cenário do gênero, piora tudo de forma drástica.

Kimberlé Crenshaw (2004), uma ativista Negra norte-americana, reafirma isso ao explicar que não há um “ataque” separado, isto é, essas violências se inter-relacionam, o capital atravessa o gênero que atravessa a raça e assim vai, não havendo uma ordem de atravessamento e nem de prioridade, os três se entrelaçam e acontecem simultaneamente, dificultando que se resolva um sem resolver os outros, um dos motivos da luta de raça estar tão ligada a diversas outras questões. Apenas o capital se beneficia e se fortalece nesse movimento.

Sobretudo, o Feminismo é um movimento de extrema importância para que as mulheres consigam sua liberdade em serem elas mesmas com suas próprias escolhas sem um mundo dominado pelo patriarca. Contudo, é necessário que se tenha o conhecimento sobre os fatores externos e até internos que assolam a vida dessas mulheres que podem ver a luta Feminista com outros significados. Essa é a relevância da explicação sobre o que é o gênero e sua construção, dado que, as Mulheres Negras possuem certas demandas, as Mulheres Trans possuem tantas outras e talvez por falta de compreensão nesse espaço que deveria abranger o coletivo, essas que não se identificam inteiramente (tendo outros exemplos) preferem se ausentar.

Bell Hooks (2019) enfatiza que enquanto as mulheres brancas estavam protestando pelo direito de votar e trabalhar, a Mulher Negra, já trabalhava e tinha o quesito da raça somado ao motivo de não poder votar, lutava apenas pelo direito de existir dignamente. Adicionado ao fato de que, a mulher é considerada o sexo frágil, mas isso não se estende às Negras (CARNEIRO, 2003), pois, elas trabalharam a vida inteira da forma que deu e que lhe foi imposta, seja no período escravagista, seja depois, quando ainda precisava sustentar a si e sua família. Sendo a fortaleza de todos, contudo, sendo destruída aos poucos. Se o feminismo não entender toda essa pauta, não há como se movimentar em prol de um coletivo se só está atendendo a parte de seus componentes.

Hooks (2019) prossegue dizendo que

As críticas de algumas dessas feministas vem no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente, porque as mulheres são oprimidas de modo diferentes, tornando necessário discutir gênero com recorte de classe e raça

levando em conta as especificidades de cada uma. [...] A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados. E não se pensa em saídas emancipatórias para problemas que nem sequer foram ditos. (HOOKS, Bell. p. 45; 124. 2019.).

Face a face, o Racismo desperta no Negro o sentimento de querer se parecer com o Branco em uma tentativa de diminuir seus sofrimentos (FANON 2020) e conseqüentemente, a Mulher Negra realiza diversas tentativas de se embranquecer seja em procedimentos estéticos em seu corpo ou em algo mais simples como alisar o cabelo. Contudo, a sensação de não encaixar não passa, independente de quanto mude seu exterior (BERTH, 2019), afinal, sua cor ainda é Negra, seu cabelo por mais que escondido em perucas ou produtos químicos ainda está ali com toda a sua expressividade encaracolada. Lembrando que, não há problema algum em mudar ou se embelezar da forma que quiser e achar melhor, a questão é que em uma sociedade acostumada a uma beleza branca e de influência européia, não há disfarce que engane quem você realmente é, além de que há uma diferença entre mudar por si e mudar na tentativa de se encaixar em um padrão inalcançável.

Uma das características da Solidão da Mulher Negra é justamente essa não identificação consigo mesma e a frustração logo em seguida em também não se encaixar no que todos consideram como belo, podendo resultar em um adoecimento psíquico (BERTH, 2019). Esse movimento de se afastar do seu eu para se aproximar do que é melhor para o outro é apenas uma tentativa quase que desesperada de ser aceita, de ser vista com os mesmos olhos, um jeito de ter uma vida mais leve, uma autodefesa. Por isso, é tão bonito quando essa mulher passa por exemplo, por um processo de Transição Capilar (retorno ao cabelo natural eliminando as partes com química), porque, o significado que carrega é que ela aceitou a si mesma, passou a ver beleza nos seus traços naturais e ancestrais, deixou seu cabelo mostrar a potencialidade que tem.

Todavia, sua batalha ainda é mais árdua pois envolve o modo que a sociedade a posiciona, algo em que ela não pode mudar da mesma forma que muda o cabelo. Considerando que, suas necessidades não são nem pensadas, como se elas fossem uma máquina indestrutível capaz de aguentar tudo, porque são colocadas como fortes, guerreiras, trabalhadoras. "Somos fortes porque o Estado é omissos, porque precisamos enfrentar uma realidade violenta. Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer" (HOOKS, B.2019.p.20). Estar cansada não é

sinal de fraqueza, demonstrar sentimentos também não, são apenas reações humanas, ainda mais em suas vidas onde o descanso parece uma utopia em uma realidade em que são postas a luta constantemente.

Esse fenômeno é chamado de Solidão porque essas mulheres ao seguirem o percurso da vida se veem em caso de abandono mesmo, de descuido, tanto no âmbito do Estado, da Sociedade e até de pessoas próximas. Ligado a essa sensação de estar definitivamente sozinha, de ter que correr por si, pois se não fizer, seu destino pode até ser de morte. Carregar um mundo inteiro nas mãos sem poder reclamar do peso.

Nesse sentido, Hooks (2019) explica que, o homem negro tem um movimento de lutar pelos ideais raciais mas também descredibilizar a mulher nesse espaço (mesmo ela sendo negra), por entender saber mais que ela, ou por já ter força o suficiente para representá-la no movimento. No feminismo, a falta de representatividade e de sentir que suas lutas estão sendo validadas implicam fortemente no seu não encaixe nesse grupo, fora que os homens também se sentem atacados e as julgam se estiverem participando ativamente de algo “contra eles”. Lá vem a solidão novamente, as deixando fora de coletivos que se dizem igualitários.

Em suas palavras

Por não serem nem brancas nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supracitada branca. Representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que como antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca a si mesma. [...] homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas nem homens, e exercem a função do "outro" do outro. (HOOKS. p.125. 2019).

Silva (2019), Martinelli (2019) e Cardoso (2019) fizeram uma pesquisa sobre as mulheres negras em situação de violência e no mercado de trabalho, colaborando com a seguinte perspectiva

A forma como a mulher negra é vista é um ponto central para explicar os dados. Pesquisadoras negras mostram que os estereótipos construídos ao longo de séculos têm influência na construção das identidades e vulnerabilizam a mulher negra, ao “autorizar” violações contra elas. É o que a socióloga e autora norte-americana feminista Patricia Hills Collins chama de “imagens de controle”: ideias que são aplicadas às mulheres negras e que “permitem” que outras pessoas as tratem de determinada maneira. [...] Dessa forma, **quatro estereótipos racistas se destacam: o da mãe preta**, que é a matriarca ou subserviente; **o da negra de sexualidade exacerbada** que provoca a atenção masculina; o da **mulher dependente da assistência**

social; e o da **negra raivosa**, produtora da violência, não a receptora. Essas ideias vão, inclusive, na contramão de mitos que normalmente foram construídos em torno da imagem da mulher branca, como o da fragilidade feminina, da exigência de castidade, da divisão sexual do trabalho em que o homem é o provedor e a mulher é a cuidadora. [...] A análise interseccional aponta também que as demandas do feminismo negro dialogam com movimentos sociais de luta por moradia e acesso à terra, cada vez mais criminalizados, e questiona as políticas públicas de reparação das consequências da escravidão. Para sair da situação de violência, muitas vezes mulheres negras precisam se inserir em programas de auxílio-aluguel, de capacitação profissional, redistribuição de renda, acesso a abrigos dignos e creches para os filhos. (SILVA, A; MARTINELLI, F; CARDOSO, M. 2019. *Grifos próprios*).

Tal sentimento se materializa em situações reais. Por exemplo, Janaína Feijó (2023) em uma pesquisa para a FGV - Fundação Getúlio Vargas- traz que nos últimos 10 anos houve um aumento de 1,7 milhões de mães solo no país. Crescimento devido aos números de mães solo negras que foram de 5,4 para 6,9 milhões também em uma década, enquanto o número de mães brancas continuou na mesma. Além disso, a maioria dessas mulheres possuem baixa escolarização, podendo ser devido a uma gravidez durante o período escolar, o que ocasiona em baixas oportunidades no mercado de trabalho, principalmente no formal, fazendo com que elas cuidem de um lar sozinha, sendo responsáveis pelo cuidados dos filhos, da casa e da renda, sem ou com baixa rede de apoio.

E não para por aí, o amor para a mulher negra chega a ser um sentimento desconhecido, tanto nesse amor voltado para o cuidado até entre os próprios familiares, tanto o calor romântico mesmo. Mais uma vez ela se vê em disputa com a branquitude no momento em que ela é desejada apenas em quesitos sexuais enquanto a mulher branca é “digna” de estar à frente de uma família. O Atlas da Violência (2020) trouxe informações de que a Mulher Negra é a que mais sofre violência doméstica e consequentemente maiores em números de Feminicídio.

A Cartilha da Defensoria Pública do Rio Grande do Sul (2023) também informatiza que

Em 2021, 37,5% das vítimas de feminicídio eram brancas e 62% negras. Nas demais mortes violentas intencionais, contudo, 70,7% eram negras e apenas 28,6% brancas. Em última instância, o que os dados nos indicam é **uma possível subnotificação das mulheres negras enquanto vítimas de feminicídio**. Demais estudos ainda devem ser realizados para aprofundar o fenômeno, entretanto, levanta-se a hipótese de que há menor enquadramento dos homicídios de mulheres negras enquanto feminicídio. Ou seja, mais mulheres negras, mesmo sendo mortas pela condição de ser mulher, são incluídas na categoria de homicídio doloso e não feminicídio, o que parece acontecer menos com as mulheres brancas. Essa hipótese ganha

força quando analisamos a mortalidade geral de mulheres por agressão ao longo da última década e verificamos que, se os assassinatos de mulheres brancas caíram, os de mulheres negras se acentuaram, aumentando a disparidade racial da violência letal. (DEFENSORIA PÚBLICA - RS, 2023. *Grifos próprios*).

Dados que se traduzem nessa urgência de se sentir amada, em viver um conto de fadas que lhes são negados até em representação, visto que a primeira princesa negra é reproduzida apenas de 2009 (BALISCEI; CALSA; STEIN. 2017). Isto é, parece que até os “ finais felizes ” escolhem cor para estar. Dizem que, não é necessário um amor romântico para ser feliz, é perfeitamente possível ter uma vida plena solteira. Contudo, não é uma escolha da Mulher Negra estar sozinha ou envolvida em relacionamentos perigosos, se parece mais com um destino que ela teve que se enquadrar, que não lhe dá esperança de ser diferente, por ela ser quem é e como é.

Trazendo novamente o homem negro para a pauta, é comum por exemplo que ele lute por seus espaço dentro de uma sociedade embranquecida entendendo que ele pode ter tudo o que quiser assim como o homem branco e sua supremacia e isso inclui a mulher tida para casar: a branca (HOOKS, 2019). Considerando que, quando o homem negro pode, com menos dificuldades que as mulheres negras, chegar a papéis de destaque social ou cargos altos no trabalho, ele costuma envolver-se com mulheres brancas por duas situações, primeiro porque as Mulheres Negras tem muito mais dificuldade em chegar a esses espaços então acaba sendo “natural” que ele se aproxime de mulheres brancas. Segundo que, a mulher branca pode passar a ser uma espécie de “troféu”, por exemplo, agora ele tem bens materiais, dinheiro, prestígio e uma mulher branca do lado, o que um homem branco poderia falar sobre ele, sendo que o negro conquistou tudo que um branco pode conquistar. Contudo, o racismo não desaparece só porque o dinheiro apareceu (HOOKS, 2019).

Bell Hooks (2019) ainda prossegue dizendo que essas relações inter-raciais são incômodas porque se a mulher branca se casa com um homem negro tudo bem, pois ela quem estará “descendo de patamar”. Já se uma Mulher Negra se casa com um homem branco não é uma boa ideia, dado que ela subirá de nível social, e isso não é o desejado. Não há como viver em tranquilidade se até o amor que era pra ser bonito, mas se parece com uma armadilha.

Camila Cruz (2020) traz a opinião de Gilberto Freyre sobre o assunto, destacando que o autor foi um grande defensor do Mito da Democracia Racial. Ele aponta o seguinte

“Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as “virgens pálidas” e as “louras donzelas. (CRUZ, C. 2020, *apud* FREYRE, 2000, p. 36).

A Filósofa e escritora Djamila Ribeiro (2018) também uma mulher negra, já discursava sobre isso ao dizer que nunca foi somente uma questão de escolha se as mulheres negras parecem nem ser uma boa opção. Ou seja, arrumam uma desculpa para justificar o que já estava escolhido. A autora também argumenta sobre a falta de percepção da pluralidade dessas mulheres, ora sexualizadas, ora exploradas, mas dificilmente valorizadas ou singularizadas como especiais. Exemplificando, ela diz “Ninguém diz que uma mulher branca é uma "branca bonita" Dizem apenas que é "bonita". Uma negra só pode ser bonita entre outras negras." (RIBEIRO, D. 2018. p.131).

De acordo com essa fala, às mulheres brancas são vistas em suas diversas formas e belezas, são diferenciadas umas das outras, enquanto as Mulheres negras são colocadas todas no mesmo pacote, como se não tivessem subjetividades e também beleza, apenas o papel de manter o que precisa estar em ordem.

Em sua obra *Olhos D'água*, Conceição Evaristo (2016) consegue traduzir diversos sentidos que essa solidão pode levá-las através de contos que muito se assemelham com a vida real. A fala “Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência.” (EVARISTO, C. 2016. p.11) demonstra que a criança negra se sente obrigada a crescer rapidamente para dar conta de suas demandas e de sua família, muitas vezes perdendo a alegria da infância para ter responsabilidades que não deveriam ser suas.

A personagem continua a dizer “Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância.” (EVARISTO, C. 2016. p.11). Desabafo que ilustra uma espécie de ciclo, de modo que provavelmente a mãe dessa

personagem também carregava a mesma ideia sobre as vivências de sua antepassada e todas sabiam que tem grandes chances das próximas gerações da família carregarem esse mesmo peso. Afinal é o modo como elas aprenderam a sobreviver e é o que ensinarão as suas descendentes. É difícil pensar em um cenário diferente se a solidão se faz presente em todas essas histórias.

Outrossim, a autora também traz a noção de que o mundo é um palco de batalha em que elas devem estar sempre prontas para o pior e para reagir da forma que der, porque constantemente esse “sexto sentido” torna-se realidade, dificilmente sendo um alarme falso. Isso está presente nos trechos “E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento. [...] Habitou-se à morte como uma forma de vida” (EVARISTO, C. 2016. p.19;22).

Enfim, a mulher negra é alvo de três grandes forças: Raça, Gênero e Capital. Aliás, são quesitos que se repelem, porém se unem para inferiorizá-la. Que ela está na base da sociedade é um fato, o que lhe torna alguém que vive para sustentar um monstro que lhe dá migalhas, convencendo-a que é mais do que o suficiente para viver. Sua Solidão não é de ontem, não é dos últimos dez anos e muito menos só de hoje, visto que, continua recebendo incentivos para também estar presente amanhã.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, para se entender a Solidão da Mulher Negra Brasileira nos últimos dez anos, precisamos unir as pontas desse quebra-cabeça que não é tão difícil de montar. Um bom ponto de partida foi, entender as configurações do Brasil, conhecer um passado que ele tanto se esforça para esconder. Trezentos anos de escravidão não foram trezentos dias, e mesmo que fossem, ainda assim seria um enorme genocídio.

Além disso, essa historicidade ajuda a concluir que a sua Solidão foi se solidificando enquanto ela já estava trabalhando de forma escravizada, servindo aos senhores e seus descendentes, sendo explorada e sexualizada, utilizada como um meio de miscigenar “purificar” o país, tendo a realidade de suas relações deturpadas como “benéficas” (Ideais de Gilberto Freyre, 1933) para o bem de uma nação branca. E conseqüentemente, enraizou pensamentos sociais e subjetivos de como elas devem ser e agir.

Somado a isso, também há que ser pensado o que é ser mulher, considerando que o gênero é uma construção social e os papéis que lhe são dados exprimem mais uma ideia de relações de forças, no caso, homem versus mulher. Contudo, há outras definições além desse binarismo preso a uma heteronormatividade. Importante ressaltar que todas essas regras de comportamento delimitando o homem como “invencível” detentor de todos os poderes, coloca a mulher em uma situação de vulnerabilidade, dependência e violência. Se a mulher branca é julgada como menos capaz, a mulher negra é considerada diretamente incapaz. Principalmente se estivermos falando de lugares de destaque, desde ter bons empregos ou até simplesmente formar uma família como aquelas de Comercial de Margarina.

Ressaltando também que, Folter (2023) trouxe as definições de Patriarcalismo e esse “papel do homem” de proteção e garantir a subsistência da família, enquanto a mulher cuidava da casa e dos filhos, visto que, era o “sexo frágil”, um cristal que não poderia ser quebrado. Contudo, essa “fragilidade” não se entende as Mulheres Negras, nem antes nem hoje. Da mesma maneira que ela cumpre todos os papéis “de homem e de mulher”. Tem que trabalhar fora, mas quando chegar, tem que trabalhar em casa e ter tempo de dar afeto aos seus familiares. Além disso, o homem quase nunca é cobrado por sua ausência, mas, se a mulher se ausenta é praticamente crucificada. Não que a mulher branca não faça isso, mas se colocarmos na balança tem um lado que sempre pesa mais. Mais um sintoma da solidão.

Sob o mesmo ponto de vista, é importante se ater a qual trabalho lhes são oferecidos, já que as Mulheres Negras historicamente possuem menos oportunidades de estudo e de ascensão social justamente por terem mais responsabilidades desde cedo como conta Conceição Evaristo (2016), adicionado ao fato de todos esses entraves sociais criarem barreiras gigantescas para que elas consigam entrar em empregos formais de carteira assinada e de bons salários. Infelizmente, o mercado informal ainda é o que mais as empregam, pois, como ensinou Carolina Maria de Jesus (1960), a fome tem pressa.

Dessa forma, a raça e o gênero tem papéis fundantes no Capital, porém o trabalho dos Negros escravizados segue sendo desconsiderado na formação Nacional, visto que, os direitos conquistados foram resultados de muita luta, já que, se dependesse do país, os descendentes de escravizados seriam eliminados no processo de miscigenação. Já o Trabalho das Mulheres Negras até o próprio

feminismo tem dificuldade em reconhecer, afinal, enquanto as sufragistas brancas lutavam por votos, as Negras estavam limpando a casa dessas madames.

Ademais, o Capital aglutina a Solidão da Mulher Negra sendo aliado de um Estado que a menospreza, ajudando uma sociedade embranquecida a vender o que “é bonito” e apagando a potência da beleza Negra. Consequentemente, ela tenta se encaixar nessa cor que não é sua e acaba dando de cara com a verdade de quem é, por mais que tente fugir ou tornar isso menos doloroso.

Em Suma, a Solidão da Mulher Negra Brasileira nos últimos 10 anos não é um resultado recente, e sim algo construído, alimentado e fortificado de diversas formas. Uma questão que parece não ser relevante, contato que os bolsos de quem importa estejam cheios. Essa década só repetiu os desastres das décadas anteriores, mas agora com uma repaginada. Seguramente, são necessárias políticas públicas para que se possa atingir a equidade de fato, além de corrigir esse abandono do Estado. Por fim, o antagonismo de Solidão é Companhia, um sinal linguístico de que essa não é uma luta de uma guerreira só.

REFERÊNCIAS

ACAYABA, Cintia; ARCOVERDE, Léo. **Assassinato de negros aumentam 11,5% em dez anos e de não negros caem 12,9% no mesmo período, diz Atlas da Violência.** São Paulo: g1, 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/google/amp/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/27/assassinatos-de-negros-aumentam-115percent-em-dez-anos-e-de-nao-negros-caem-129percent-no-mesmo-periodo-diz-atlas-da-violencia.ghml> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2023.

A Redenção de Cam. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>. Acesso em: 01 de Setembro de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

BALISCEI, J. P.; CALSA, G. C.; STEIN, V. **Tiana, a primeira princesa negra da Disney: olhares analíticos construídos juntos à cultura visual.** Visualidades, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 137–162, 2017. DOI: 10.5216/vis.v15i2.44123. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/44123>. Acesso em: 29 nov. 2023.

BERTH, Joice. **Empoderamento.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. Série Feminismos Plurais, 2019.

Brasil: 500 anos de povoamento. IBGE, 2023. Disponível em:< <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/regioes-de-origem-dos-escravos-negros.html> >. Acesso em: 30 de Agosto de 2023.

BRASIL. **Decreto Nº 21.076.** Decreta o Código Eleitoral. Rio de Janeiro, 1932.

Brasil. **Lei Nº13.104.** Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília, 2015.

BRASIL. **Lei Nº13.718.** Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro [...] e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei Nº 11.340.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...] altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, 2006.

BRASIL. **Lei Nº2040.** Declara de condição livre os filhos da mulher escrava que nascerem desde a data desta Lei. Rio de Janeiro, 1871.

BRASIL. **Lei Nº 3.071, de 1º de Janeiro de 1916.** Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1916.

BRASIL. **Lei Nº10.406, de 10 de Janeiro de 2002.** Institui o Código Civil. Brasília, 2002.

BRASIL. **Lei Nº3.353, 13 de Maio de 1888.** Declara extinta a escravidão no Brasil. Rio de Janeiro. Para Vossa Alteza Imperial ver. Chancellaria-mór do Império.- Antonio Ferreira Vianna.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827.** Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Rio de Janeiro, 1827.

BRASIL. **Lei Nº601, 18 de Setembro de 1850.** Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Rio de Janeiro. Para Vossa Magestade Imperial Ver. João Gonçalves de Araujo a fez. Euzebio de Queiroz Coituihu Mattoso Camara.

BROCOS, Modesto. **A Redenção de Cam.** 1895. Tinta a óleo, 199 x 166 cm. Museu Nacional de Belas Artes.

CAMARGO, Orson. **A mulher e o mercado de trabalho.** Brasil Escola. Disponível em:< <https://brasilestela.uol.com.br/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm> >. Acesso em 04 de setembro de 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** In: TAKANO, Empreendedores Sociais. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: TAKANO, 2003.

Carta de Pero Vaz de Caminha. In: MARQUES, A.; BERUTTI, F.FARIA, R. História moderna através de textos. São Paulo: Contexto, 2003.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é Capitalismo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

Como o Machismo ajuda a perpetuar o Racismo contra a mulher negra no Brasil. Governo Paulista, 2021. Disponível em:< <https://www.paulista.pe.gov.br/site/noticias/detalhes/8507> >. Acesso em: 14 de Setembro de 2023.

CORTESÃO, Jaime. **A Carta de Pero Vaz de Caminha.** Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1943, p. 239-41.

CRUZ, Camila. **A Visão de Gilberto Freyre sobre as Mulheres Negras em Casa Grande & Senzala: Um olhar crítico a partir da perspectiva Negra.** Periódicos UNB, 2020. Disponível em:< file:///C:/Users/User/Downloads/A+VIS%C3%83O+DE+GILBERTO+FREYRE+SOBRE+AS+MULHERES+NEGRAS+EM+CASA+GRANDE+&+SENZALA%20(1).pdf >. Acesso em: 14 de Setembro de 2023.

D`ABREU, Lylla. **A Construção Social do Gênero.** Scielo, 2012. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/ref/a/VfkdKsJcXnxsrLNHN7nW7mq/?format=pdf> > . Acesso em 02 de setembro de 2023.

ESPING-ANDERSEN, G.. **As três economias políticas do welfare state.** Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 24, p. 85–116, set. 1991.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Lisboa: Editora Ulisseia Limitada. 1961.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora. 2020.

FEIJÓ, Janaina. **Mães solo no mercado de trabalho crescem 1,7 milhão em dez anos**. FGV, 2023. Disponível em:< <https://portal.fgv.br/artigos/maes-solo-mercado-trabalho-crescem-17-milhao-dez-anos> > Acesso em: 14 de Setembro de 2023.

FOLTER, Regiane. **O que é Patriarcado?** Politize! 2023. Disponível em:< <https://www.politize.com.br/patriarcado/#:~:text=No%20patriarcado%2C%20o%20ho%20desfruta,relegados%20%C3%A0%20submiss%C3%A3o%20e%20invisibiliza%C3%A7%C3%A3o.>> . Acesso em 02 de setembro de 2023.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Maia e Schmidt, 1933

FUENTES, Patrick. **Racismo ambiental é uma realidade que atinge populações vulnerabilizadas**. Jornal da USP, 2021. Disponível em:< <https://jornal.usp.br/atualidades/racismo-ambiental-e-uma-realidade-que-atinge-populacoes-vulnerabilizadas/> >. Acesso em: 02 de Setembro de 2023.

GALTON, Francis. **Herencia y eugenesia** (1988). In: ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa. **Marxismo e Questão Étnico-Racial:Desafios Contemporâneos**. São Paulo: EDUC, 2021.

GONÇALVES, R.. **Quando a questão racial é o nó da questão social**. Revista Katálisis, v. 21, n. 3, p. 514–522, set. 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?**. Rosa dos Tempos: 2019. p.234.
CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: UNIFEM, Cruzamento. **Raça e gênero**. Brasília: UNIFEM, 2004.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de Despejo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

KEHL, Renato. **A cura da fealdade** (1923). In: ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa. **Marxismo e Questão Étnico-Racial:Desafios Contemporâneos**. São Paulo: EDUC, 2021.

LE MOS, Cesar Resende; TIBERY, Pedro Paulo Filla; PINTO, Felipe Artioli. **Dai a Cesar o que É de Cesar**. Rio de Janeiro: Pineapple Storm Tv: 2021. 5 Minutos e 9 Segundos.

LOURENÇO, Carolina de Oliveira; OLIVEIRA, Karoline dos Santos. **100% Feminista**. Rio de Janeiro. Heavy Baile Sounds & Skol Music Arte: Gibran Gomes. 2016. 3 minutos e 20 segundos.

MACE, Ruth. **Como começou o patriarcado – e como a evolução pode mudá-lo.** BBC News Brasil, 2022. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63075928> >. Acesso em 04 de setembro de 2023.

MARQUES, Gustavo Pereira; SANTOS, Paulo Alexandre Almeida, BRAGA, Thiago Simoes. **Hat Trick.** Belo Horizonte: CEIA: 2019. 4 Minutos e 18 Segundos.

MARQUES, Morena Gomes. **Capitalismo dependente e cultura autocrática: contribuições para entender o Brasil contemporâneo.** Revista Katálisis [online]. 2018, v. 21, n. 01 [Acessado 02 de Setembro de 2023], pp. 137-146. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n1p137>>. ISSN 1982-0259. <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n1p137>.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política.** Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O Capital.** São Paulo: Abril Cultural, 1984. Vol. 1, tomo 2.

MORAES, Isabela; MEDEIROS, Letícia. **Gênero: você entende o que significa?.** Politize! 2021. Disponível em:< <https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/> >. Acesso em 02 de setembro de 2023.

MORENO, Sayonara. **Chegada dos Portugueses ao Brasil: descobrimento ou invasão? Historiadores buscam desconstruir a narrativa focada nos colonizadores.** Brasília: Radioagência, 2023. Disponível em:< <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2023-04/chegada-dos-portugueses-ao-brasil-descobrimto-ou-invasao#:~:text=Foi%20uma%20chegada%20de%20pessoas,foi%20muito%20mais%20uma%20invas%C3%A3o%E2%80%9D> >. Acesso em 03 de Setembro de 2023.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro.** São Paulo: Editora Anita Ltda, 1994,

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala.** São Paulo: Lech Livraria Editora Ciências Humanas LTDA. 1988.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro.** São Bernardo do Campo: Perspectiva, 2020.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Maria, Maria.** Clube da Esquina 1 e 2. 1978. 3 minutos e 4 segundos.

NETO, João Cabral de Melo. **Morte e Vida, Severina.** TUCA: 1995.

OLIVEIRA, Daniele. **Direito das mulheres ao voto completa 90 anos no Brasil; São Paulo tem lei para celebrar a data.** Alesp, 2022. Disponível em:< <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=434263#:~:text=O%20direito%20ao%20voto%20pelas,pelo%20ent%C3%A3o%20presidente%20Get%C3%BAlio%20Vargas.>> >. Acesso em 06 de Setembro de 2023

OLIVEIRA, Elisângela Magela. **Transformações no Mundo do Trabalho, da Revolução Industrial aos nossos dias**. Caminhos de Geografia, 2004. Disponível em: < file:///C:/Users/User/Downloads/admin,+RCG-2006-86.pdf >. Acesso em: 10 de Setembro de 2023.

OLIVEIRA, Leandro Roque de. **Mãe**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2016. 4 minutos e 58 segundos.

O Navio Negroiro, de Castro Alves. Domínio Público. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf> >. Acesso em: 30 de Agosto de 2023.

PEREIRA, Neuton Damásio. **A Trajetória Histórica dos Negros Brasileiros: da escravidão a aplicação da lei 10.639 no espaço escolar**. Acervo Digital UFPR, 2015. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/52792> > . Acesso em 10 de setembro de 2023.

PEREIRA, José Tiago Sabino. **A Rezadeira**. São Paulo: Música Urbana Latina, 2014. 5 minutos e 37 segundos.

PORFÍRIO, Fernando Matozinhos; BLUM, Luiz Felipe Magnago; SILVA, Ruth Stein. **Os Lucros Da Escravidão No Brasil e Seu Impacto Econômico: Uma abordagem histórica dos séculos XVI ao XIX**, 2021. Disponível em: < file:///C:/Users/User/Downloads/REVISTA+ARTIGO+1+OS+LUCROS+DA+ESCRAVI D%C3%83O.pdf >. Acesso em: 30 de Agosto de 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem Medo do Feminismo Negro?**. Companhia das Letras, São Paulo. 2018.

SILVA, Ariane; MARTINELLI, Flávia; CARDOSO, Monize. **Entre machismo e racismo, mulheres negras são as maiores vítimas de violência**. Revista AZMina, 2019. Disponível em: < <https://azmina.com.br/reportagens/entre-machismo-e-racismo-mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-de-violencia/> >. Acesso em: 14 de Setembro de 2023.

SOUZA, M. L. DE. **Capitalismo e racismo: uma relação essencial para se entender o predomínio do racismo na sociedade brasileira**. Revista Katálysis, v. 25, n. 2, p. 202–211, maio de 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. In: abpnrevista.org.br. 2023

TELES, Laura. **Gênero e sexualidade: Entendendo a diferença**. Lábios Livres, 2022. Disponível em: < <https://labioslivres.com/genero-e-sexualidade-entendendo-a-diferenca/#:~:text=A%20identidade%20de%20g%C3%AAnero%20diz%20respeito%20a%20como%20a%20pessoa,ambos%20ou%20nenhum%20dos%20dois> >. Acesso em 02 de setembro de 2023.

VERDÉLIO, Andréia. **IBGE: número de trabalhadoras domésticas caiu em dez anos: País registrou aumento na atuação de diaristas**. Agência Brasil, 2023.

Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/ibge-numero-de-empregadas-domesticas-caiu-em-dez-anos#:~:text=As%20mulheres%20s%C3%A3o%20a%20maioria,65%25%20delas%20C%20mulheres%20negras> >. Acesso em 12 de Setembro de 2023.

VIOLA, Kamille. **A História de Maria Maria, música mais tocada do oitentão Milton Nascimento**. Veja Rio, 2022. Disponível em:< <https://vejario.abril.com.br/beira-mar/maria-maria-mais-tocada-milton-nascimento/mobile> >. Acesso em 12 de Setembro de 2023.

Violência de Gênero. Defensoria Pública Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em:< <https://www.defensoria.rs.def.br/upload/arquivos/202303/08151200-cartilha-de-violencia-de-genero.pdf> >. Acesso em 06 de Setembro de 2023.